



**UnB**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**CURSO DE GRADUAÇÃO DE BACHAREL EM MUSEOLOGIA**

**PRISCILLA MARIA MARCIAL SAFE CARNEIRO**

**A POTÊNCIA PEDAGÓGICA DE MATERIAL DIDÁTICO PRODUZIDO  
PELO PROGRAMA EDUCATIVO DO CENTRO CULTURAL BANCO  
DO BRASIL/CCBB BRASÍLIA/DF NAS AULAS DE ARTE**

**BRASÍLIA, DF**

**2022/2**

**PRISCILLA MARIA MARCIAL SAFE CARNEIRO**

**A POTÊNCIA PEDAGÓGICA DE MATERIAL DIDÁTICO PRODUZIDO  
PELO PROGRAMA EDUCATIVO DO CENTRO CULTURAL BANCO  
DO BRASIL/CCBB BRASÍLIA/DF NAS AULAS DE ARTE**

Trabalho apresentado a Universidade de Brasília,  
Campus Darcy Ribeiro, como requisito para obten-  
ção do título de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Me. Valdemar de Assis Lima

**BRASÍLIA, DF**

**2022/2**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) /.

MC289p	Marcial Safe Carneiro, Priscilla Maria A POTÊNCIA PEDAGÓGICA DE MATERIAL DIDÁTICO PRODUZIDO PELO PROGRAMA EDUCATIVO DO CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL/CCBB BRASÍLIA/DF NAS AULAS DE ARTE Priscilla Maria Marcial Safe Carneiro; orientador Valde- mar de Assis Lima. -- Brasília, 2022. 68 p Monografia (Graduação - Bacharelado em Museologia) -- Universi- dade de Brasília, 2022. 1. Educação museal. 2. Programa educativo. 3. Material didá- tico. 4. Ensino da Arte. I. de Assis Lima, Valdemar, orient. II. Título.
--------	---

## ANEXO III - FOLHA DE APROVAÇÃO

**PRISCILLA MARIA MARCIAL SAFE CARNEIRO**

### O USO DE MATERIAL DIDÁTICO PRODUZIDO PELO PROGRAMA EDUCATIVO DE MUSEUS NAS AULAS DE ARTE

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

Aprovado por:

**Valdemar de Assis Lima**

**Girlene Chagas Bulhões**

**Ana Lucia de Abreu Gomes**

Professor da Universidade de Brasília (UnB)

Museóloga do IBRAM

Professora da Universidade

de Brasília (UnB)

Mestre em Educação - UFSC

Mestre em Performances Culturais – UFG

Doutora em História Cultural

- UnB



Documento assinado eletronicamente por **Valdemar de Assis Lima, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 17/02/2023, às 10:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Lucia de Abreu Gomes, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 17/02/2023, às 14:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Girlene Chagas Bulhões, Usuário Externo**, em 17/02/2023, às 19:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.unb.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **9324825** e o código CRC **C364C63D**.

*Este trabalho de pesquisa é inteiramente dedicado aos meus pais, Carlos e Marilda, e ao meu marido, Giulliano. Os maiores incentivadores das realizações dos meus sonhos. Muito obrigada.*

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados e meus sonhos realizados durante todos os meus anos de estudos.

Aos meus pais Carlos e Marilda, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória e por todo o esforço investido na minha educação.

Ao meu marido Giulliano, pela compreensão e paciência demonstrada durante o período deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Às/Aos minhas/meus amigas/os e familiares, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período em que me dediquei a este trabalho.

Às/aos professoras/es da Universidade de Brasília, pelas orientações e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso e pela excelência da qualidade técnica de cada um.

Ao professor Me. Valdemar Assis de Lima por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa e ter desempenhado tal função com dedicação, respeito e amizade.

A todas/os que participaram, direta ou indiretamente no desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

Às/Aos minhas/meus colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formanda.

"O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis".  
(Fernando Pessoa poeta português, 1888-1935)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a potência pedagógica do material didático produzido pelo programa educativo dos museus como forma de se trabalhar com o conteúdo escolar de Arte. Para analisar a relação entre a Arte, a Educação e a Museologia a partir da ótica da Educação Museal e o uso do material educativo museal nas aulas de Arte, foi realizada revisão bibliográfica em livros teóricos, bancos de teses e dissertações de universidades, artigos científicos, revistas científicas e documentos sobre o uso do material didático como recurso pedagógico produzido nas exposições pelo setor do programa educativo em espaços museais. A natureza do modelo de investigação foi a descritiva e o presente estudo foi desenvolvido a partir do aspecto qualitativo, do tipo análise intensiva e recorreu-se à pesquisa bibliográfica e de análise de referenciais teóricos sobre Educação Museal nas escolas e a relação com a Abordagem Triangular da arte-educadora brasileira Ana Mae Barbosa, sobre o uso do material didático como recurso pedagógico produzido nas exposições pelo setor do programa educativo em espaços museais e a identificação de experiências de professoras/es que já colocaram em prática esse uso como instrumento de investigação ao considerar como objetivo identificar as qualidades relevantes do objeto de estudo. Por fim, foram apresentadas propostas de abordagens de temas de exposições para uma aula de Arte relacionando o conteúdo curricular com alguns exemplos de material didático gráfico e físico de acervo pessoal.

**Palavras-chave:** Educação Museal; Programa educativo; Material didático; Ensino da Arte.



## **ABSTRACT**

The present work aims to understand the pedagogical power of the didactic material produced by the educational program of museums as a way of working with the school content of Art. To analyze the relationship between Art, Education and Museology from the perspective of Museum Education and the use of museum educational material in Art classes, a bibliographical review was carried out in theoretical books, databases of theses and dissertations from universities, scientific articles, scientific journals and documents on the use of didactic material as a pedagogical resource produced in exhibitions by the educational program sector in museum spaces. The nature of the investigation model was described and the present study was developed from the qualitative aspect, of the intensive analysis type and resorted to bibliographical research and analysis of theoretical references on Museum Education in schools and the relationship with the Triangular Approach by the Brazilian art educator Ana Mae Barbosa, on the use of didactic material as a pedagogical resource produced in exhibitions by the sector of the educational program in museum spaces and the identification of experiences of teachers/es who have already put into practice this use as an instrument of investigation to be considered as an objective to identify the relevant qualities of the object of study. Finally, proposals for approaching exhibition themes for an Art class were presented, relating the curricular content with some examples of graphic and physical didactic material from a personal collection.

**Keywords:** Museum Education; Educational program; Courseware; Art teaching.

## LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 -	Material do programa educativo da exposição “Vertigem”, de OSGEMEOS – frente	47
Figura 2 -	Material do programa educativo da exposição “Vertigem”, de OSGEMEOS – verso	47
Figura 3 -	Material do programa educativo da exposição “Jean-Michel Basquiat – obras da Coleção Mugarbi” – frente	49
Figura 4 -	Material do programa educativo da exposição “Jean-Michel Basquiat – obras da Coleção Mugarbi” – verso	49
Figura 5 -	Material do programa educativo da exposição “Anita Malfatti: 120 anos” – frente	51
Figura 6 -	Material do programa educativo da exposição “Anita Malfatti: 120 anos” – verso	51
Figura 7 -	Material do programa educativo da exposição “Abraham Palatnik: a reinvenção da pintura” – frente	52
Figura 8 -	Material do programa educativo da exposição “Abraham Palatnik: a reinvenção da pintura” – verso	52
Figura 9 -	Material do programa educativo da exposição “Índia” – frente	53
Figura 10 -	Material do programa educativo da exposição “Índia” – verso	53

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCBB	Centro Cultural Banco do Brasil
Demu/Iphan	Departamento de Museus e Centros Culturais, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
DF	Distrito Federal
ECCO	Espaço Cultural Contemporâneo
Ibram	Instituto Brasileiro de Museus
Icom	Conselho Internacional de Museus
Pnem	Política Nacional de Educação Museal
PNL D	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
PNM	Política Nacional de Museus
SEEDF	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UnB	Universidade de Brasília
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>13</b>
<b>4</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>19</b>
<b>4.1</b>	Geral	19
<b>4.2</b>	Específicos	19
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>20</b>
<b>6</b>	<b>BASES EPISTEMOLÓGICAS</b>	<b>22</b>
<b>6.1</b>	Educação	22
<b>6.2</b>	Educação e Museologia	24
<b>6.3</b>	Educação, Museologia e o ensino da Arte	34
<b>7</b>	<b>ANÁLISE DOCUMENTAL</b>	<b>39</b>
<b>8</b>	<b>APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS</b>	<b>56</b>
<b>9</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>60</b>

## 1. APRESENTAÇÃO

Eu enxergo o mundo por meio da Arte, da Educação e, a partir dessa pesquisa, amplio o meu olhar para o campo da Museologia. Tentar conectar e integrar essas três grandes áreas de conhecimento é um desafio. De certa forma, é possível considerar que são áreas que conversam, que estão interligadas e que se completam. Desde nova, a Arte e a Educação estiveram presentes na minha caminhada. Talvez por influência das minhas avós: a materna, que foi professora de piano e de inglês; e a paterna, que desenvolveu trabalhos manuais e tinha relação com as Artes Plásticas e o artesanato.

Sou professora efetiva de Arte da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) desde 2011 e, no momento, atuo com estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais (6º ao 9º ano) numa escola pública do Plano Piloto (Região Administrativa central do Distrito Federal). Quando estudei Artes Plásticas na Universidade de Brasília (UnB)<sup>1</sup>, no mesmo período, tive a oportunidade de atuar como mediadora em visitas às exposições em alguns espaços museais da cidade: no Espaço Cultural Contemporâneo (ECCO), que funcionava no subsolo do shopping Venâncio 2000 no centro da cidade, no Conjunto Cultural da Caixa e no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

Como professora de Arte, faço questão de levar as/os estudantes em espaços museais do Distrito Federal (DF), tais como Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Conjunto Cultural da Caixa, Centro Cultural do Tribunal de Contas da União (Centro Cultural do TCU), Planetário de Brasília, Catetinho e Museu Vivo da Memória Candanga, de preferência com mediação, pois considero que visitar museu pode vir a estimular o interesse, o conhecimento, a vontade, o desejo de frequentar cada vez mais esses espaços, de ter acesso à arte, à cultura, à história, à memória e ao patrimônio, além de possibilitar uma familiarização com a fruição estética, podendo contribuir para o despertar de postura e consciência crítica diante de diversas questões do mundo.

Minha referência em mediação está relacionada às minhas experiências como mediadora e como professora que procura frequentar museus da cidade. Nas institui-

---

<sup>1</sup> Licenciatura em Artes Plásticas 1999-2003/Bacharelado em Artes Plásticas 2004. Universidade de Brasília.

ções museais que tive a possibilidade de trabalhar, no período de montagem das exposições, as/os mediadoras/es participavam de processo seletivo por meio de entrevista com a empresa contratada para atuar com o setor de programa educativo durante o período da exposição de curta duração (trabalho temporário). Após essa seleção, as/os mediadoras/es participavam de curso de capacitação sobre o tema da exposição a partir da fala da/o curadora/or e recebiam materiais impressos (apostila) com textos selecionados pela empresa contratada para atuar com o setor do programa educativo. Eram realizadas palestras e leituras compartilhadas desses textos e, em algumas exposições, a referência era o catálogo da exposição.

As/Os mediadoras/es acompanhavam o público escolar, agendado ou não, e o público espontâneo durante a visita à exposição, sem a intenção de falar sobre cada um dos objetos em exposição, mas com o intuito de tornar mais próxima, interessante e significativa essa visita, possibilitando a troca de experiências sobre o conteúdo da exposição, de forma a ampliar, construir e reconstruir conhecimentos, principalmente a partir do diálogo e da escuta. Para o público escolar, eram entregues às/aos estudantes e professoras/es material didático sobre a exposição com propostas de atividades que poderiam ser realizadas durante a visita à exposição ou como sugestões para serem desenvolvidas após a visita, em sala de aula.

Na maioria dos espaços que levo as/os estudantes, é comum recebermos material didático dos programas educativos. Como acredito que esse material didático é de grande valia para alternativas de recursos didático-pedagógicos, sempre busquei trabalhar com esses em sala de aula como forma de ampliar a abordagem de um conteúdo curricular e mostrar para as/os estudantes que os conteúdos curriculares podem estar próximos a nós e serem mais interessantes, em especial quando são temas de exposições.

## 2. INTRODUÇÃO

Desde 2017, por meio do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), a SEEDF adota livro didático para a disciplina de Arte<sup>2</sup>. Apesar de esta pesquisa estar voltada para a apresentação de outras formas de se trabalhar com o conteúdo escolar de Arte a partir do material didático produzido por programa educativo de espaços museais, o livro didático também é importante porque desempenha função de orientação de como trabalhar os conteúdos curriculares em sala de aula, mesmo que alguns temas possam parecer distantes da realidade e do contexto da/do estudante do Distrito Federal, por serem tratados de forma ampla e abstrata.

Por isso, considero importante as/os professoras/es procurarem novas formas de abordar um conteúdo curricular, em especial na disciplina de Arte, para que aquele conteúdo estudado em sala de aula seja mais significativo e mais próximo de suas vivências, mesmo que o museu seja visto como complementar à escola. Sendo assim, o uso pedagógico do material didático produzido pelos programas educativos de espaços museais pode ser um meio para desenvolver o multiletramento<sup>3</sup>, capaz de promover diálogos que extrapolam as linguagens oral e escrita, ampliar diferentes acessos às áreas de conhecimento, além de participar da formação integral da/do estudante.

Na área da Educação, o conceito de pedagogia de multiletramento em sala de aula está associado à capacidade que a pessoa tem em ler e interpretar as diferentes informações que o mundo lhe envia no dia a dia em diversas áreas do conhecimento. De acordo com a pesquisadora brasileira Márcia Elizabeth Bortone (2012), que estuda sociolinguística educacional,

decorar conteúdos que nada significam para sua vida não contribui para que as/os alunas/os se tornem cidadãs/ãos conscientes e capazes de atuar criticamente e reflexivamente na sociedade. É necessário construir aprendizagens que estejam em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico, cuja assimilação é considerada essencial para que possam exercer seus direitos e deveres (p. 193).

---

<sup>2</sup>Triênio 2017/2018/2019: SANTOS, Solange dos. **Por toda parte**: 6º, 7º, 8º, 9º ano. 1. ed. São Paulo: FTD, 2015. Triênio 2020/2021/2022/2023: BOZZANO, Hugo Luis Barbosa. **Janelas da Arte**: 6º, 7º, 8º, 9º ano. 2. ed. Barueri, SP: IBEP, 2018.

<sup>3</sup>Para saber mais, ver ROJO, Roxane; ALEMIDA, Eduardo de Moura (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, 264 p. (Estratégias de ensino).

Nesta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o conceito de material didático está relacionado ao importante papel que este tipo de material desempenha nos processos de ensino-aprendizagem, pois pode servir como ponto de partida para o acesso às informações, e ao mesmo tempo, pode contribuir para o desenvolvimento de uma liberdade de pensamento e de análise crítica, além de ser possível identificar um recorte de um olhar sobre um tema, o que pode vir a desenvolver a capacidade de multiletramento.

Sendo assim, o material didático produzido pelo programa educativo de espaços museais pode ser um recurso pedagógico que atua como estímulo à aprendizagem, expandindo o campo experiencial das/os estudantes, já que pode funcionar como um encaminhamento estratégico, pode ajudar a organizar os processos de ensino-aprendizagem, porém, sem restringir a autonomia da/o educadora/or ou eliminar oportunidades de inovar ao trabalhar os conteúdos curriculares. A meta é identificar e compreender que o uso do material didático produzido por programas educativos de espaços museais pode se dar a partir de diferentes contribuições, pois potencialmente torna as aulas mais engajadoras e o aprendizado bem-sucedido.

Ao longo dos anos, tenho reunido muito material didático gráfico e físico de exposições<sup>4</sup> nas quais trabalhei e visitei, e às vezes me deparo com aquele tanto de material colecionado por mim e me pergunto: como aproveitar todo esse acúmulo de material dentro das minhas aulas de Arte? Já tive a oportunidade de vivenciar experiências em sala com o acervo e é sempre um grande desafio tornar aquele material interessante. Cabe ressaltar que o material didático referenciado aqui neste TCC é o material gráfico e físico, não se tratando neste momento de material digital, mesmo considerando que é um material de grande valia.

Assim, a partir da minha trajetória em sala de aula e da compreensão do papel social do currículo escolar, a sugestão é acrescentar mais um recurso de apoio ao conteúdo curricular com a utilização desse material que é produzido para as exposições pelos espaços museais a fim de ser explorado pelas/os professoras/es e estudantes, além de disponibilizar quantidade suficiente para que todas/os tenham os mesmos acessos. A escolha por considerar material didático produzido por programa educativo de espaços museais está relacionada à facilidade de manuseio do material em si e por ser mais prático para levar para a sala de aula.

---

<sup>4</sup>Acervo próprio que foi constituído como uma espécie de “coleção”, com os materiais sendo guardados em baús, de exposições que eu trabalhei ou visitei e que estão relacionados às minhas memórias e andanças profissionais.



Sendo assim, neste TCC pretendo analisar a relação entre a Arte, a Educação e a Museologia a partir da ótica da Educação Museal e o uso do material educativo museal nas aulas de Arte. Por isso, as minhas inquietações e angústias iniciais compreendem os seguintes questionamentos:

- de que forma as/os professoras/es de Arte podem trabalhar, em sala de aula, o material didático produzido pelo programa educativo dos museus para as exposições?

- de que maneira é possível desenvolver ações de Educação Museal nas aulas de Arte a partir do uso de material didático produzido pelo programa educativo do CCBB/Brasília nas aulas de Arte?

Quanto à Educação Museal, esta pode ser entendida como um campo de conhecimento científico, que propõe ações e práticas educativas em diferentes espaços e processos museais e está voltada para diferentes públicos, dentre os quais, o escolar. Como professora de Arte da Educação Básica de escola pública, a partir do uso do referido material didático museal, meu interesse está em integrar e conectar este campo específico da Educação Museal nas aulas de Arte.

Como os museus também se constituem como ambientes formativos para uma educação sensível, ética e estética, nas minhas experiências pedagógicas de saídas de campo é recompensador quando os olhos das/os estudantes brilham ao entrar nas exposições e, ao final, quando elas/es sinalizam que gostaram e se sentiram confortáveis e confiantes com aquela experiência. Considero ser de suma importância promover saídas de campo para espaços museais com exposições, de preferência com visitas mediadas, pois reconheço a relevância do papel educativo dos museus e as possíveis estratégias pedagógicas como alternativa de abordagem e de ampliação de um mesmo conteúdo curricular que é trabalhado em sala de aula.

De acordo com o Estatuto de Museus (Lei nº 11.904, de 14/01/2009), o art. 1º apresenta como definição de museus:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Já o art. 2º trata dos princípios fundamentais dos museus com ênfase especial, em pertinência com a presente pesquisa, à valorização humana (inciso I), à promoção

da cidadania (inciso II) e ao cumprimento da função social (inciso III). O papel educativo dos museus é apresentado no Capítulo II, Subseção II, que trata do Estudo, da Pesquisa e da Ação Educativa, em que o art. 29 considera que

os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação.

A Educação Museal é uma modalidade educacional que, por meio dos objetos musealizados e/ou musealizáveis, dos processos museais, dos saberes e fazeres, visa à formação crítica dos sujeitos e à transformação social (COSTA et.al, 2018). É importante ressaltar que a Política Nacional de Educação Museal (Pnem), articulada pela então Coordenadoria de Museologia Social e Educação (Comuse) do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), foi instituída em 2017, com o objetivo de organizar, desenvolver, fortalecer e fundamentar o campo da Educação Museal no país.

O Caderno da Pnem traz uma orientação dirigida ao campo para a realização de ações que fortaleçam o campo profissional e garantam condições mínimas para a realização das práticas educacionais nos museus e processos museais, além de reunir princípios, diretrizes e objetivos que foram definidos de forma colaborativa após amplo processo de participação de diferentes setores da sociedade.

Por ser um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento com permanência do diálogo entre museu e sociedade, a Educação Museal compreende uma política com ações na prática e difere-se da ação educativa pois é projeto educativo e cultural da instituição museal, aos moldes de um Projeto Político Pedagógico das escolas.

### 3. JUSTIFICATIVA

A partir da perspectiva do acesso à Arte, à cultura e à interpretação das informações que o mundo nos transmite a todo instante como uma das possibilidades de fruição, visitar espaços museais pode ser também uma oportunidade de um momento que nos permite ampliar nossos horizontes e visões de mundo. A participação efetiva nesses espaços abre uma possibilidade de interação em consonância com o momento histórico, social e cultural, respeitando as transformações e os avanços tecnológicos, numa procura sistemática e conjunta, na construção do conhecimento e da cidadania.

Frequentar instituições museais pode contribuir para a ressignificação da democratização de saberes em uma perspectiva de inclusão, pois contextualiza os conhecimentos na medida em que contribui para o desenvolvimento de habilidades, atitudes, conceitos, ações importantes para o indivíduo atuar em diferentes espaços sociais. Por isso, essas experiências vividas nos permitem enfatizar a convivência social, a tomada de decisões coletivas e a aprendizagem significativa, além de esclarecer sobre a importância dos sujeitos formados na construção da história.

É importante ressaltar que a conversa nesse TCC é com a política pedagógica dos programas educativos dos museus no sentido da Educação Museal, ou seja, o problema de pesquisa está relacionado a pensar essa expressão política pedagógica, mesmo porque nem todos os museus estão comprometidos com a Educação, o que dessa forma não promove o acesso e nem inclusão social. Tampouco cabe aqui a discussão que envolve a concepção de que os museus podem ter papel de complemento ao ensino escolar.

Conhecer, valorizar, respeitar espaços reservados à Arte, reconhecer sua importância para a construção, a preservação e o usufruto de bens artísticos e culturais nacionais e internacionais são ações que nos permitem desenvolver um pensamento reflexivo sobre a realidade a partir da análise crítica, da pesquisa e da investigação do objeto artístico contextualizado. No debate contemporâneo da Museologia, inclusive depois da Mesa Redonda de Santiago<sup>5</sup>, a ideia de preservação está associada à ideia de uso com o intuito de aproximar para preservar, no sentido cognitivo e afetivo também. Por isso, a importância de se frequentar espaços museais diversos também

---

<sup>5</sup>Na década de 1970, destaca-se a Mesa-Redonda de Santiago do Chile sobre o papel dos museus na América Latina, realizada em 1972, e considerada como um dos eventos mais marcantes para a área museal.

envolve conhecer aspectos importantes na formação estética e visual, pois é preciso que as pessoas usem os museus.

Para evitar a redução do papel dos museus provocada pelas visões escolarizadas, no sentido de que os museus podem vir a ser apenas uma ilustração ou complemento ao ensino escolar ou “passeios” de escola, a pesquisadora brasileira Maria Margaret Lopes (1991) concorda com a contribuição efetiva que os museus podem, devem e dão à escola. Entretanto,

o problema está em que a questão da contribuição dos museus à educação não deveria ser tratada como de costume nem apenas do ponto de vista de enriquecer ou complementar currículos, ou ilustrar conhecimentos teóricos, nem tampouco valendo-se de propostas de intervenção direta no processo educacional que dificilmente não se comprometeriam com o desempenho como um todo das sequências longas e rotineiras das relações formais de aprendizagem escolar (p. 7).

De acordo com Lopes (1991), a ideia de escolarização dos museus está associada ao “processo de incorporação pelos museus das finalidades e métodos do ensino escolar” (p. 5) e a “uma incompreensão do fato que a proposta educativa dos museus é diferente da proposta da escola” (p. 6), já que as abordagens temáticas das exposições não estão atreladas ao currículo escolar. Na relação entre as escolas e os museus, “os museus organizam suas visões de mundo sobre aspectos científicos, artísticos, históricos, sem a mesma ordem sequencial da escola” (p. 7).

Mesmo que uma proposta educativa dos museus seja diferente de uma proposta educativa das escolas, considero que há uma aproximação do material educativo museal com o conteúdo escolar. Nesse sentido, Lopes (1991) critica a escolarização nos museus e argumenta que, para que exista a tentativa de romper com esses limites, os museus devem ser

valorizados como mais um espaço, mesmo que institucional – e por isso com seus limites – de veiculação, produção e divulgação de conhecimentos, onde a convivência com o objeto – realidade natural e cultural – aponte para outros referenciais para desvendar o mundo (p. 8).

Para que o ensino das Artes Visuais dialogue com as diversas áreas de conhecimento e promova o desenvolvimento integral da/o estudante, a teoria e a prática desse ensino das Artes Visuais precisam ser articuladas entre si. Essa articulação

pode ser desenvolvida a partir da interseção entre o fazer, o apreciar e o contextualizar, ações propostas pela Abordagem Triangular<sup>6</sup> da arte-educadora brasileira Ana Mae Barbosa (1991), que organiza o trabalho em Artes Visuais pautando-o em três eixos de aprendizagem significativa em Arte: fazer artístico da/o estudante, a apreciação artística da/o estudante (dos próprios trabalhos, dos de colegas e dos de artistas) e a reflexão sobre a Arte como objeto sociocultural e histórico para a aprendizagem significativa.

De acordo com a arte-educadora brasileira Maria Christina de Souza Lima Rizzi (2008),

a Abordagem Triangular do Ensino da Arte postula que a construção do conhecimento em arte acontece quando há o cruzamento entre experimentação, codificação e informação. Considera como sendo seu objeto de conhecimento, a pesquisa e a compreensão das questões que envolvem o modo de inter-relacionamento entre arte e público (p. 337).

Compreender o espaço que a Arte efetivamente ocupa na vida social e cultural de um país é identificar o reconhecimento da Arte como instância produtiva na sociedade e sua contribuição para a compreensão da dinâmica histórica, social e cultural do país. A Arte é uma das atividades humanas que procura o prazer estético e o entendimento do desenvolvimento de diferentes manifestações artísticas está presente nos mais diversos contextos, pois podem despertar a sensibilidade e a percepção de busca, de procura interior, e a representação de um momento histórico, social e cultural.

A Arte, entre seus vários papéis na sociedade, é também expressividade e comunicação porque podemos dizer o que sentimos e pensamos por meio da Arte ao compartilhar sentimentos e ideias. A Arte é expressa em linguagens. Quando uma pessoa tem contato com diferentes espaços museais e o programa educativo de uma instituição museal aborda um conteúdo artístico a partir de um recorte temático, nesse momento de fruição percebe-se a transformação da arte como produto social e identifica em quais lugares a Arte se faz presente.

---

<sup>6</sup>A arte-educadora Ana Mae Barbosa é bastante conhecida no Brasil (e no exterior) por ter desenvolvido um conjunto de ideias que gerou a Metodologia Triangular no ensino da Arte, também chamada de Abordagem Triangular. Tal Metodologia consiste em três etapas, que devem estar interligadas: a história da arte, a leitura da obra de arte e o fazer artístico, onde a imagem corresponde ao núcleo do processo de aprendizagem. Este conjunto de ideias está baseado em metodologias empregadas por quatro grandes arte-educadores: E.B. Feldman, Robert Saunders, Monique Brière e Rosalind Ragans. (BARBOSA, Ana. Mae. **A imagem no ensino da arte – anos oitenta e novos tempos**. 4ªed. São Paulo: Perspectiva, 2001).

Para a maioria das/os estudantes brasileiras/os, o acesso à Arte pode ser possível quando feito por intermédio da escola, enquanto instrução pública, e por influência da comunidade e do meio em que estão inseridas/os. Idealmente, a escola deveria ser o lugar de exercício do princípio democrático de acesso à informação e à formação estética de todas as classes sociais, pois visa estabelecer uma aproximação da multiculturalidade brasileira.

A utilização de material didático produzido por programa educativo de espaços museais como recurso pedagógico não está sendo tratado aqui nesta pesquisa no âmbito da questão de ampliação de conhecimento, pois não há a intenção de discutir a ideia de suprir uma possível incipiência do livro didático. A ideia é mostrar que existe isso também, pois existe a matriz curricular, mas existe também todo um mundo que a escola pode lançar mão. E é bom que lance, para que esse conhecimento do livro didático, que é mais formal e curricular, não impeça a/o jovem estudante de ter aquela perspectiva importante do conhecimento do sentido da vida, que a coisa faça sentido para a vida. E aqui também se fala do lúdico.

Nesse TCC não há a preocupação de discutir se esse material didático produzido pelo programa educativo supre a lacuna do livro didático, qual é a lacuna e porque ela se estrutura. Mas questionar o porquê eu considero que esse material didático é bom suficientemente para ocupar esse espaço. Se eu falo da questão do lúdico, da importância de possibilidades outras de recursos paradidáticos, já aponto para a ideia de que a educação fundamentada no livro didático não é suficiente para a vida.

A proposta aqui é buscar identificar a potência que um material didático de programa educativo de museu tem nas aulas de Arte e compartilhar a importância disso tudo, pois considero que tenho competência, sensibilidade e responsabilidade com esse propósito, embasada nas referências bibliográficas que se dedicam a esse assunto. Por isso, a hipótese neste TCC é que o uso desse material didático pode ser significativo para reconhecer a importância do sujeito para a vida, para o desenvolvimento para a vida dessa/e estudante, que está para além da escolarização.

Produzir um TCC é também uma ferramenta de disputa política, pois representa um projeto de país por meio de pesquisas. É uma forma de defender a relevância e a utilidade, por exemplo, sociopolítica do tema. São questões urgentes e importantes que foram eleitas a partir daquilo que me perturba e que move o meu olhar. O tema

dessa pesquisa fala de transformação de vidas, fala de questões com a Arte, justo num país que entre os anos de 2018 e 2022 colocou a Educação e a Cultura como questões de menor valor, quando o Estado brasileiro naquele período só priorizou a cultura na hora do bloqueio e do corte de verbas, além de ter sido extinto um Ministério da Cultura.

Dentro das ações educativas dos museus, o papel da Arte na sociedade e na vida dos indivíduos tem uma função importante na participação e garantia de acesso à cultura para todos. Segundo a arte-educadora brasileira Rosa Iavelberg (2003), “quando o fazer arte está associado à apreciação, ela se enriquece e amplia os conhecimentos de arte do público” (p. 75). Por isso, em alguns setores educativos dos museus é possível perceber a preocupação com a construção de “propostas didáticas com abertura a criação de práticas diferenciadas, que provenham das necessidades de distintos contextos culturais dos visitantes” (idem, p. 77).

Com isso, essas potencialidades podem impulsionar diferentes trilhas ou percursos de proposições pedagógicas, o que permite instigar a/o estudante ao desenvolvimento de uma atitude investigativa em relação ao seu próprio modo de expressão. Contribuir para o desvelamento de uma poética pessoal a partir do levantamento de temas nos quais as/os estudantes tenham interesse é fortalecê-lo a instigar um novo olhar sobre si mesmo, no sentido de auto-observação, e sobre o seu entorno.

Atividades com características de eventos únicos podem ser fundamentais para o processo de formação educacional e cultural das pessoas. Lopes (1991) considera que, em alguns casos, visitar um museu é possivelmente a única oportunidade que algumas/ns estudantes terão para vivenciar fora da sala de aula “uma atividade que pelo menos questione a própria sala de aula” (p. 8). São essas questões que servem como referência para a própria prática da/o professora/or, pois as abordagens contemporâneas museológicas vêm apontando para “a importância de se compreenderem os serviços educacionais dos museus em novas perspectivas” (idem).

Assim, Lopes (1991) identifica que

os serviços educativos em museus devem ser encarados como o elo de ligação básico entre os pesquisadores e o público, escolar ou não; como a articulação necessária entre a pesquisa da realidade museológica e sua divulgação pública (p. 8).

Quando o programa educativo de uma exposição elabora material didático que pode ser utilizado para além dos museus, como por exemplo, em sala de aula, é possível considerar que existe uma preocupação com abordagens que podem ser feitas quanto ao recorte de um tema. Dessa forma, a importância do uso de material didático de exposições como recurso pedagógico em sala de aula pode estar associada a alguns aspectos, como: a observação e problematização de questões relacionadas à curadoria de uma exposição; a ideia de colecionismo; a valorização da processualidade das/os estudantes como um modo interessante de mapear o quê e como percebem aquilo que estudaram; o que foi mais significativo, o que poderia ser apresentado de modo diferente; o que gostariam de saber mais; a identificação de como uma temática de uma exposição pode ser aplicada às reflexões do nosso dia-a-dia e que nos dá ferramentas para saber ler e interpretar as informações que estão ao nosso redor.

Para tanto, será realizada revisão bibliográfica do tema proposto neste TCC a fim de identificar elementos que podem ser considerados relevantes no uso do material didático como recurso pedagógico produzido nas exposições pelo setor do programa educativo em espaços museais. A revisão bibliográfica é algo essencial para fundamentação das análises, feita a partir da seleção de fontes de informação e traz teóricas/os, estudos e documentos que possam reforçar e dar maior autoridade ao que se quer refletir neste TCC.

Não é uma questão de analisar o uso do material didático na mediação das exposições, mas de compreender a importância desse material produzido pelos programas educativos e ter noção de como aplicar em sala de aula, em especial nas aulas de Arte da Educação Básica. Com isso, serão apresentadas propostas de abordagens de temas de exposições para uma aula de Arte relacionando o conteúdo curricular com alguns dos meus materiais didáticos.

Cabe salientar que essa pesquisa, por uma questão de gênero usará o gênero feminino antes do masculino como referência, pois considera-se significativo por contemplar as diversidades e as diferenças.



## **4. OBJETIVOS**

### **4.1. GERAL**

- Compreender como o material didático produzido pelos programas educativos de instituições museais a partir das exposições institucionais pode ser pensado como ferramenta da proposta da pedagogia de multiletramento nas aulas de Arte, possibilitando tanto o letramento artístico-cultural quanto o letramento museológico.

### **4.2. ESPECÍFICOS**

- Compreender o uso do material didático como recurso pedagógico produzido nas exposições pelo setor do programa educativo dos museus por meio da revisão de literatura em livros teóricos, bancos de teses e dissertações de universidades, artigos científicos, revistas científicas e documentos.

- Demonstrar a conexão entre as áreas de conhecimento Arte – Educação – Museologia a partir do uso de material didático produzido em exposições pelo setor do programa educativo do CCBB/DF, com base em exemplos de material didático dos anos de 2010, 2012, 2013 e 2018.

- Apresentar como utilizar material didático de programas educativos de exposições nas aulas de Arte do Ensino Fundamental Anos Finais (6º ao 9º ano), mesmo sem a/o estudante e/ou a/o professora/or terem tido a oportunidade de ter visitado a exposição.

## 5. METODOLOGIA

O presente estudo será desenvolvido a partir do aspecto qualitativo, do tipo análise intensiva e recorrer-se-á à análise de dados, por via de pesquisa bibliográfica e de análise de referenciais teóricos sobre Educação Museal nas escolas e a relação com a Abordagem Triangular, sobre o uso do material didático como recurso pedagógico produzido nas exposições pelo setor do programa educativo em espaços museais.

A natureza do modelo de investigação será descritiva, pois, diante das questões de investigação, a abordagem qualitativa justifica-se como adequada para compreender a natureza de um fenómeno social. De acordo com o sociólogo chileno Roberto Jarry Richardson (1999), “as investigações que se voltam para uma análise qualitativa têm como objeto situações complexas ou estritamente particulares” (p. 80), já que descrevem a complexidade de determinado problema, compreendem e classificam processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuem no processo de mudança de determinado grupo e possibilitam, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Com este trabalho, pretendo demonstrar a conexão entre as áreas de conhecimento Arte – Educação – Museologia a partir do uso de material didático produzido em exposições pelo setor do programa educativo em museus, com propostas pedagógicas para as aulas de Arte, compreendidos nesta pesquisa como campos que dialogam, que se correlacionam e se consubstanciam de forma intrínseca e que, nesse sentido, são consideradas uma tríade.

Nesta pesquisa, considera-se que, quando uma/um estudante tem a oportunidade de visitar um espaço museal, também estamos promovendo o acesso a diferentes setores de um museu, pois a partir do momento que há um contato com o espaço do museu é possível perceber a dinâmica daquele espaço, já que não existe só a exposição e o programa educativo, mas há por trás uma espécie de roda gigante para fazer todas aquelas peças de um museu funcionarem. Considero ainda que esses tópicos podem ajudar as/os professoras/es a reconhecer a potência pedagógica do material didático produzido pelo programa educativo dos museus na organização metodológica das práticas escolares artísticas e estéticas por meio dos planejamentos curriculares que visam estratégias e objetivos.

Da mesma forma, o museu que tem responsabilidade ética pode ser considerado com um tipo de espaço que está preocupado para que aquela experiência de visita à exposição seja significativa e seja um instrumento de elucidação para sair da zona de conforto dos saberes, ou seja, no momento que uma/um estudante visita um espaço museal é como se um leque de novas oportunidades e possibilidades de acessar os conhecimentos se descortinassem. Sair da zona de conforto dos saberes é adotar uma postura de identificar que achar que aquilo que você aprende e sabe é suficiente, mas quando há esses momentos de troca, de conversa, de conexão, de diálogo, de acesso à Arte, à Educação e à Museologia, há uma conjuntura de uma realidade que nos permite ampliar o acesso ao conhecimento e às informações do dia a dia e realmente causar uma transformação social.

Quando um programa educativo de um museu comprometido eticamente com os princípios da Educação Museal elabora um material didático de uma exposição em que seu uso possa ser estendido para a sala de aula, é possível considerar que alguns desses programas dependem do projeto político e de Educação, pois nem todo projeto educativo museal é socioreferenciado, mesmo que estejam preocupados com a extensão, com a continuidade e com a memória daquele recorte de um tema que possa ser abordado a partir de um outro olhar expansivo e amplificador.

De acordo com a pesquisadora brasileira Gabriela Ramos Figurelli (2011), “a relação entre museu e educação é intrínseca” (p. 115), pois quanto maior a necessidade de aprendizado menor a disparidade entre os grupos sociais. Como os espaços museais também podem atuar como campos educacionais, o desenvolvimento das pessoas e, conseqüentemente, da sociedade prevalecem como educação permanente. Por isso, os museus também poderiam chamar as/os professoras/es na elaboração de material didático, pois é preciso levar em consideração que um material didático produzido pelos museus pode vir a servir como contribuição escolar na formação dos indivíduos, para além do espaço da exposição e que resulta num dos processos de exercício da cidadania.

## 6. BASES EPISTEMOLÓGICAS

Neste capítulo serão apresentadas as bases epistemológicas do percurso do desenvolvimento das ideias deste TCC a partir da apresentação dos temas gerais que envolvem a Educação, a Museologia e a relação entre o material didático produzido por ações educativas das instituições museais e as práticas pedagógicas nas aulas de Arte, em especial sob a ótica da Educação Museal.

A intenção aqui é refletir sobre as possibilidades e potencialidades de uso de material didático produzido pelo programa educativo dos museus nas aulas de Arte e apresentar um diálogo entre três campos de conhecimento: a Educação, a Museologia e as práticas pedagógicas nas aulas de Arte. Por isso, o foco será na produção gráfica de material didático de programa educativo de museu, pois considera-se que este material pode ser um exemplo de uso como recurso pedagógico nas aulas de Arte, o que aponta para uma possível necessidade de as escolas valorizarem, aproveitarem e usarem esse material.

### 6.1. Educação

De acordo com antropólogo brasileiro Carlos Rodrigues Brandão (2006), “ninguém escapa da educação” (p. 7), pois estamos envolvidos com a Educação em diversos ambientes, por meio dos mais diferentes processos de aprendizagem e de ensinamentos que a vida nos coloca. Isso significa que a Educação não ocorre apenas em ambientes escolares ou familiares, mas em diversos lugares onde os saberes podem ser constituídos, pois “não há uma forma única nem um único modelo de educação” (BRANDÃO, 2006, p. 9).

A Educação participa da construção de tipos de sociedades, representa interesses políticos e ideológicos e permite que uma pessoa reflita sobre temas relacionados, por exemplo, a padrões de cultura e relações de poder. Para Brandão (2006) “a educação existe em toda parte e faz parte dela existir entre opostos” (p. 100), pois ter acesso à Educação pode possibilitar transformações sociais.

Em relação aos campos educacionais educação formal, não-formal e informal, Figurelli (2011) considera que esses três campos da educação “formam uma rede de

aprendizagem que torna o aprendizado possível para todos os membros da sociedade, da infância à velhice, de acordo com suas necessidades e interesses” (p. 116) e que por isso a permanência da educação precisa prevalecer na sociedade.

De acordo com a pesquisadora brasileira Martha Marandino (2017), não é tarefa fácil definir os termos formal, não-formal e informal, principalmente por serem utilizados de modo controverso em algumas literaturas, como a anglofônica e lusofônica, além da própria língua portuguesa. Em contexto latino-americano, esta divisão “recebeu influência dos movimentos de educação popular intensificados nas décadas de 1960, 1970 e 1980” (p. 812) e a educação não-formal passou a fazer parte do discurso internacional em políticas educacionais no final dos anos 1980. Para entender a importância desses termos em relação aos campos educacionais, Marandino (2017) analisa a influência dessa divisão no sistema educacional em três categorias:

- educação formal: sistema de educação hierarquicamente estruturado e cronologicamente graduado, da escola primária à universidade, incluindo os estudos acadêmicos e as variedades de programas especializados e de instituições de treinamento técnico e profissional;

- educação não formal: qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem;

- educação informal: verdadeiro processo realizado ao longo da vida em que cada indivíduo adquire atitudes, valores, procedimentos e conhecimentos da experiência cotidiana e das influências educativas de seu meio – da família, no trabalho, no lazer e nas diversas mídias de massa (p. 812).

Na análise de Brandão (2006) “a educação é, como outras, uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade” (p. 10). O destaque do autor refere-se à ideia de que a concepção de educação pode estar relacionada às trocas sociais de experiências, ao despertar de consciências ainda não acessadas e pode contribuir para transformações de situações sociais quando promove a transferência de saber, às vezes por meio de situações de aprendizagem com intuito pedagógico.

### Segundo Brandão (2006), a Educação

é uma prática social cujo fim é o desenvolvimento do que na pessoa humana pode ser aprendido entre os tipos de saber existentes em uma cultura, para a formação de tipos de sujeitos, de acordo com as necessidades e exigências de sua sociedade, em um momento da história de seu próprio desenvolvimento (p. 73-74).

Na análise de Figurelli (2011), “o museu busca contribuir para o progresso da sociedade através dos estímulos que provoca em seu público, tendo como intuito o seu desenvolvimento pessoal e social. E tal contribuição, pode ser percebida por meio da função educativa assumida pelo museu” (p. 117). Desse modo, assim como a Educação pode ser considerada um conjunto de processos, também os museus podem ser considerados de grande potencial um desses processos que contribui para o desenvolvimento de transformação social ao oferecer oportunidades educacionais a todas as pessoas de todas as idades.

## **6.2. Educação e Museologia**

A museóloga brasileira Maria Célia Santos (2001) considera a educação como um processo que faz refletir, pensar, criar e transformar. Assim, as áreas de conhecimento da Educação e da Museologia devem ser contextualizadas com base em seu tempo e espaço e compreendidas como ação social e cultural, possibilitando a interação entre as diversas áreas do conhecimento e na relação entre o ensino formal e não-formal. Como a educação é um processo, Santos (2001) avalia que o patrimônio cultural é um suporte fundamental para que a ação educativa seja aplicada, pois resulta em uma teia de relações e promove a construção e reconstrução da ação de uma pessoa, produtora de cultura e conhecimento.

É interessante a abordagem que Santos (2001) faz sobre a relação entre os conceitos de Educação e os campos de atuação da Museologia, como por exemplo o processo museológico e as ações educativas, pois são discussões passíveis de serem aplicadas no interior do museu e fora dele. As reflexões dessa museóloga contribuem para minha atuação profissional ao ampliar o leque de possibilidades de abordagem em sala de aula sobre as ações educativas desenvolvidas em museus, em especial quanto à ideia da educação como patrimônio cultural e à importância da compreensão dos processos museológicos de caráter educativo, que ocorre de forma contínua e permanente e não são engessados.

Essa temática da relação entre a Educação e a Museologia pode ser interessante na abordagem de pessoas que atuam com público escolar, como por exemplo,

educadoras/es, mediadoras/es e professoras/es, pois permite ampliar a ideia do caráter educativo dos museus e do patrimônio ao identificar que a aprendizagem ocorre para além dos espaços escolares. Levando em consideração os diferentes contextos museológicos, a educação em museu pode ser entendida e praticada de maneiras diversificadas nas instituições museológicas. Nesse desafio da função educativa em museus, a sugestão é validar a utilidade social das instituições museológicas.

Figurelli (2011) também apresenta reflexões quanto à relação entre Educação e Museologia, evidenciando aspectos referentes ao caráter educativo dos museus e do patrimônio, e analisa as mudanças conceituais ligadas à Educação e à organização de campos educacionais. Com base na perspectiva do museu como espaço de educação não-formal, que privilegia o processo de desenvolvimento ao longo da vida, Figurelli (2011) enfatiza o museu como espaço educativo na medida em que argumenta sobre o potencial educativo presente nas diferentes funções museológicas e na contribuição da ação educativa como instrumento que qualifica a relação do indivíduo com o patrimônio cultural preservado.

Em consonância com as ideias anteriores, Santos (2001) apresenta reflexões quanto aos conceitos de Educação e de processo museológico, que buscam estimular as práticas museológicas e educativas quanto à construção de conhecimentos, e destaca a importância da participação ativa dos diversos setores na elaboração conjunta de projetos, tendo o patrimônio cultural como referencial. Como estratégias de ação, as concepções de Educação, de Museologia e de museus podem ser adaptados aos diferentes contextos e diversos grupos, já que são vistos como processos constantes de ação e reflexão e contribuem para que os museus e as escolas atuem como rede de interação.

De acordo com Figurelli (2011), as ações educativas representam uma dentre as diversas contribuições das instituições museológicas à sociedade, pois “o contato do público com o bem cultural é potencializado, contribuindo assim para os processos de construção de conhecimentos, que caracterizam o desenvolvimento do ser humano” (p. 119). Essas ações em museus possibilitam experiências que privilegiam a aprendizagem e são capazes de ampliar a capacidade crítica do indivíduo. Tendo

como referencial básico o patrimônio, visto como um contributo para estimular a capacidade de estabelecer relações e criar diálogos, a ação educativa em museus pode ser entendida como estratégia para implementar seu caráter social e educativo.

Santos (2001) apresenta reflexões, contribuições e sugestões quanto à realização de projetos que envolvem museus, escola e comunidade, pois essas sugestões “têm o objetivo de motivar, de estimular a prática museológica, que tenha como produto a construção do conhecimento, que seja, portanto, educativa” (p. 11). Enquanto professora da Educação Básica e de escola pública, acredito que um dos desafios para as/os professoras/es é o sugerido por Santos (2001): “tornar a escola um sistema aberto, em contínua comunicação com o meio, incentivando a criação de verdadeiras estruturas democráticas de participação proativa” (p. 13).

Avalio como central o protagonismo das/os docentes em relação a qualquer atividade pedagógica das/os estudantes e, por isso, me identifico com a análise de Santos (2001) sobre as/os professoras/es serem consideradas/os parceiras/os na atuação museológica, principalmente porque a autora apresenta o depoimento de alguém que vivenciou experiências em escolas, em especial, públicas. Santos (2001) avalia que é importante ampliar uma rede de interação entre as escolas e os museus, “tornando o museu e a aplicação das ações museológicas mais próximos das escolas, fazendo o caminho inverso do que estamos acostumados a fazer” (p. 13).

Figurelli (2011) argumenta que, na relação entre Educação e Museologia, o museu pode potencializar a relação do indivíduo com o bem cultural na medida em que reconhece que as diversas contribuições das práticas museológicas são desenvolvidas com criticidade. Assim, “é preciso reconhecer a função educativa dos museus como aspecto fundamental para o desenvolvimento e o progresso da instituição” (p. 128).

Na análise de Figurelli (2011), a contextualização histórico-social das últimas décadas do século XX se desenvolveu a partir da ampliação das discussões museológicas, que envolvem a ideia de museu como instrumento de intervenção social. Essas reflexões sobre a mudança no cerne da Museologia influenciam a relação existente entre museus e Educação.



Figurelli (2011) faz referência ao documento do Seminário Regional da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) sobre a Função Educativa dos Museus, que aconteceu em 1958, na cidade do Rio de Janeiro, e reflete a preocupação do pensamento museológico da época com cunho altamente didático ao museu. Na leitura do Relatório da Unesco de 1972, a autora argumenta que as mudanças conceituais aparecem a partir de profundas alterações de diferentes ordens no mundo, o que demonstraram a necessidade de um aprendizado diferenciado, a fim de se evitar disparidades entre os diferentes grupos sociais.

No tocante aos desafios para uma Educação Museal e à importância da função educativa nos museus contemporâneos, em especial a ampliação do atendimento às escolas, o historiador pesquisador brasileiro em museus Jezulino Lucio Mendes Braga (2017) apresenta reflexões sobre como uma das discussões que envolvem a museologia contemporânea podem trazer um modelo de museu argumentativo, também chamado de museu fórum, “onde questões inquietantes emergem das narrativas propostas com as coleções dessas instituições” (p. 55).

Com base nos desdobramentos da Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972), as ideias da Nova Museologia se desenvolvem a partir da noção de um museu que participe amplamente das formas culturais, sociais e econômicas. Segundo a antropóloga brasileira Alice Duarte (2013), “a Nova Museologia é um movimento de larga abrangência teórica e metodológica, cujos posicionamentos são ainda centrais para uma efetiva renovação de todos os museus do século XXI” (p. 112), que se desdobra, nomeadamente, na consideração da sua função social e das suas narrativas e estratégias expositivas.

Apesar da sua importância e dos acordos feitos, a Mesa Redonda de Santiago do Chile não pode ser considerada o marco zero para as discussões da Educação Museal, pois, como referenciado anteriormente, desde a década de 1950 essas discussões já estavam presentes no Seminário A Função Educativa dos Museus promovido pela Unesco, no Rio de Janeiro, em 1958.

Realizada em 1972, a Mesa Redonda de Santiago do Chile trouxe reflexões sobre o papel dos museus na América Latina e pode ser considerada como um dos eventos significativos para as discussões da área museal, em especial quanto à Educação Museal. Após a realização desse Seminário Internacional, o então presidente

do Conselho Internacional de Museus (Icom), Georges-Henri Rivière, elaborou diagnóstico identificando a crescente importância da educação nos museus, a partir da ótica da necessidade de uma política pedagógica dos programas educativos dos museus e por influência do pensamento do educador brasileiro Paulo Freire.

Braga (2017) ressalta que, ainda na década de 1950, na cidade do Rio de Janeiro, foi realizado Seminário Regional Latino-Americano da Unesco, promovido pelo Icom, e que apontava o tema da educação nos museus a partir das suas relações com a educação escolar, tendo como público-alvo a juventude. Com o intuito de sublinhar as conexões entre museus e escola, este Seminário Regional também tratou da função educativa dos museus, que originaram documentos que antecederam o movimento para criação de uma Política Nacional de Educação Museal (Pnem) dentro do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). A Pnem refere-se à uma orientação quanto à realização de ações que fortaleçam o campo profissional e garantam condições mínimas para a realização das práticas educacionais nos museus e processos museais.

Em 2010 foi realizado o I Encontro de Servidores de Museus do Ibram na cidade de Petrópolis/RJ, que tinha como objetivo principal “traçar diretrizes para a elaboração de uma política pública de educação museal e refletir sobre as experiências de ações educativas em curso nos museus brasileiros” (BRAGA, 2017, p. 62). Mesmo não sendo um fórum nacional de museus, de forma abrangente, é possível considerar que os fóruns nacionais de museus publicizaram esses programas, mas essas discussões já estavam em evidência antes mesmo do Ibram ser Ibram, dentro do Demu/Iphan (Departamento de Museus e Centros Culturais, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Por meio dos grupos de trabalho, foi proposta uma carta de intenções, conhecida como Carta de Petrópolis, sugerindo que ações educativas devem estar inseridas no plano museológico bem como na missão das instituições. Na Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus e dá outras providências, no Capítulo II, na Seção III, o art. 45 considera que

o plano museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental

para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade.

Em outubro de 2012, o Ibram lançou uma ferramenta virtual que consistia em ampliar as discussões que levariam a contribuição para a elaboração de uma futura política nacional. Braga (2017) considera que outro exemplo de documento que contribuiu para o movimento de criação de uma Política Nacional de Educação Museal foi a elaboração do documento debatido em Belém/PA, em 2014, durante a realização do 6º Fórum Nacional de Museus, que originou na Carta de Belém e que “apresenta princípios para a formulação de uma política de educação museal que serviria como diretriz para elaboração posterior de uma minuta” (p. 65).

Braga (2017) avalia a importância da difusão do termo “educação museal”, a fim de “criar projetos de visita articulados com as/os professoras/es, respeitando as demandas apresentadas por essas/es profissionais a partir de suas experiências como docentes” (p. 65). Percebe-se que, muito antes da Pnem, os museus já pensavam em programas de Educação Museal. Inclusive, em 2007, quando foi feita a primeira portaria do Iphan, que trata da obrigatoriedade dos museus federais em seus planos museológicos, o programa educativo já era uma preocupação. Então esses programas, ainda que não tivessem esse nome de Educação Museal, já tinham o programa educativo dos museus. Portanto, esses programas não começaram com a Pnem nem essas discussões da Pnem começaram nos fóruns nacionais de museus.

Vistos como uma das possíveis estratégias didáticas de parceria no ensino de conteúdos escolares<sup>7</sup>, os museus têm sido procurados cada vez mais por professoras/es. Por isso também a importância dos setores educativos dos museus, que produzem material didático de exposições e que podem servir como recurso pedagógico para os museus e para as escolas. A partir desses eventos e discussões citados anteriormente, as diferentes abordagens da Educação Museal como um dos campos de atuação da Museologia começam a apresentar novas propostas e pode ser perceptível o aumento de reflexões relacionadas ao caráter educativo dos museus e dos patrimônios.

---

<sup>7</sup> Para saber mais: LOPES, Maria Margaret. **A favor da desescolarização dos museus**. In: Educação & Sociedade, nº 40, dezembro/1991.

Com relação ao desenvolvimento e à realização de ações educativas nas instituições museológicas, Figurelli (2011) considera que eventos de cunho educativo ocupam cada vez mais espaço nas programações e agendas dos museus. O interesse e a busca por qualificação de profissionais educadores de museus incentivam um aumento na variedade na oferta de cursos e oficinas para profissionais que trabalham com educação em museus. Igualmente, Figurelli (2011) afirma que a produção acadêmica voltada ao diálogo entre Educação e Museologia tem aumentado e analisa estudos acadêmicos das décadas de 1980, 1990 e 2000, mesmo considerando que a bibliografia especializada continua insuficiente, o que a faz pensar na necessidade de ampliar ainda mais as discussões.

Como os museus podem promover a Educação pela via da cultura e proporcionar o encantamento, o entretenimento, a provocação e o diálogo, também podem estabelecer relações com as escolas na medida que incluam atividades educativas como uma política interna, mesmo que museus e escolas tenham códigos e pressupostos teórico-metodológicos específicos. Para que o museu possibilite experiências significativas e produtivas, é importante que as ações educativas de exposições envolvam momentos de articulação com as escolas nas situações de pré-visita, visita e pós-visita nos museus e nas exposições.

Braga (2017) identifica que criar programas de atendimento especializado às/aos docentes em setores educativos dos museus favorece vínculos mais afetivos com a sociedade por intermédio das/os estudantes nas escolas, pois “o fazer educativo nos museus passa a ser visto como oportunidade formativa, uma vez que é rico em experiências, contatos e trocas” (p. 58) e por contribuir para novas experiências educativas. Como os museus propõem uma narrativa e a experiência com a exposição pode ser um momento de aprendizagem estética, esse mesmo autor argumenta que o museu também expõe o ponto de vista do ser humano e proporciona experiências que podem ser aplicadas no cotidiano ao visitar um museu/uma exposição.

Com base no seu papel como mediador, o museu pode influenciar o indivíduo para atuar na sociedade ao reconhecer e valorizar o patrimônio cultural, pois o pleno exercício da cidadania possibilita desenvolver habilidades e competências na construção de uma sociedade democrática e desempenhar diferentes funções sociais, o que pode gerar mudança na postura e atitude de uma pessoa. Essa reflexão pode ser

associada ao contexto museal, já que as iniciativas realizadas pelo museu contribuem para resultados positivos em níveis individual e coletivo.

Santos (2001) identifica que as ações museológicas de pesquisa e preservação também são um processo de comunicação e estão integradas entre si. Por isso, é necessário desenvolver a face educativa da Museologia, em que a ação de comunicação é caracterizada como uma das ações museológicas. Com base no debate sobre a educação como um processo, Santos (2001) afirma que o processo museológico é um processo educativo e de comunicação, pois promove a construção de uma nova prática social.

Um dos principais desafios das equipes educativas dos museus pode ser a de trabalhar com a diversidade de experiências sociais e culturais a fim de promover uma educação sensível, ética e estética. Como essa sensibilidade pode ser provocada por informações exteriores que influenciam questões interiores, é importante interpretar essas qualidades e usá-las nas leituras de mundo nas ações cotidianas.

Sendo o museu um ambiente que possibilita a promoção de uma educação para as sensibilidades éticas e estéticas, a relação museu-escola permite formas de trilhar outros caminhos na formação das/os estudantes nos museus. Promover uma partilha com base em projetos comuns entre museu e escola é também refletir sobre esses desafios, pois mostra a importância de se estreitar a relação entre educadoras/es museais do setor educativo e professoras/es para objetivar uma formação ética e estética.

Figurelli (2011) considera que as ações dialógicas impulsionam o processo de aprimoramento do pensamento crítico e, com isso, as ações educativas em museus potencializam a relação que os públicos estabelecem com o patrimônio, estimulam uma postura reflexiva, crítica, atuante, consciente e possibilitam relações que o indivíduo estabelece com sua realidade. Como a noção de pertencimento pode estar intimamente relacionada à noção de participação, “o museu, enquanto espaço de memórias e referências culturais, possibilita o exercício individual e coletivo do sentimento de pertencimento” (p. 125).

Para analisar a relação entre cultura, patrimônio e tradição em âmbito escolar, Santos (2001) nos convida a pensar de forma crítica a tradição e reconstruí-la, pois o

legado cultural está associado à pesquisa, considerada como princípio educativo. Sendo o patrimônio cultural referencial básico para o desenvolvimento das ações museológicas, pesquisar, preservar e comunicar são conceitos que podem ser apropriados pelo público escolar, pois a ampliação do conceito de patrimônio pode ser uma das possibilidades para a realização de novos processos de musealização, em que o fazer museológico é também um processo.

Na análise de Figurelli (2011), a relação entre a consciência histórica e a noção de temporalidade está relacionada “ao patrimônio cultural visto como referencial básico da trajetória humana, que atua como facilitador para a reflexão crítica a respeito da condição humana na sociedade” (p. 122). Sendo assim, acessar o patrimônio pode contribuir para um processo de reflexão e de mudança de atitude frente aos desafios da sociedade. Para que essas mudanças aconteçam, é preciso promover ações dialógicas no sentido de ser uma oportunidade para o questionamento, para a reflexão, para o debate. Quando “o sujeito toma real consciência sobre suas próprias opiniões, e desta forma torna-se confiante para expressar suas ideias e defender suas convicções” (p. 123), é possível perceber o desenvolvimento do pensamento crítico e, consequentemente, a construção de espaços democráticos.

Sendo um dos propósitos das ações educativas em museus promover acessos de aprimoramento do pensamento crítico, para Figurelli (2011), a noção de identidade é construída socialmente, desenhada a partir de escolhas políticas e vista como uma afirmação política e social que contribui para a conscientização sobre a importância da diversidade no desenvolvimento humano. Nesse sentido, o papel do museu está associado à ideia de reconhecimento das diversidades culturais, pois a diversidade cultural amplia a oferta de referências e as possibilidades de escolha, propicia intercâmbios culturais e é vista como fator de enriquecimento. Respeitar os direitos humanos e as liberdades fundamentais pode ser uma das formas de contribuir para a formação e conscientização da/o cidadã/ão no âmbito da cultura, pois é preciso políticas públicas que os fomentem, salvaguardem e os tornem acessíveis a todas as pessoas ao considerar que preservação é, sobretudo, promoção de acessibilidades.

A historiadora brasileira Adriana Mortara Almeida (2005) identifica a importância do contexto pessoal e da cultura local da/o visitante no sentido de expansão e

otimização da experiência museal, de modo a instigar sua ida e seu retorno aos museus, nos quais terá suas expectativas, seus desejos e necessidades mais amplamente respondidos. Em relação ao contexto pessoal da/o visitante com a cultura local, a mesma autora considera que “a história, os hábitos, a visão de mundo de cada país ou região são fundamentais na composição do contexto pessoal da/o visitante” (p. 47). Por isso, os contextos sociocultural, físico e pessoal são “aspectos que levam a uma valorização ainda maior da figura da/o visitante nesse processo e sua relevância para o aperfeiçoamento dos programas desenvolvidos pelos museus” (ALMEIDA, 2005, p. 34).

Ainda no âmbito do pessoal, que envolve motivação, expectativa, interesse, crenças e conhecimento prévio, Almeida (2005) analisa pesquisas realizadas por alguns autores a partir de temática das motivações que levam uma pessoa a visitar ou não um determinado museu em seu tempo de lazer. É interessante perceber que, para a autora

as pesquisas de avaliação e aprendizagem em exposições têm evidenciado que as expectativas, motivações e tudo que ocorre anteriormente à visita pode ser determinante para a qualidade dela. O contexto pessoal é de fundamental importância para a escolha do museu ou da exposição a ser visitada e também para determinar as expectativas do visitante. Também os interesses, as crenças e os conhecimentos prévios sobre os museus e os conteúdos das exposições influenciarão a visita e o que lhe sucederá, variando conforme cada pessoa (ALMEIDA, 2005, p. 37).

Para Almeida (2005), a relação entre as pesquisas de públicos e os modelos de comunicação incorporaram modos de atuação e interação dos profissionais de museus e aperfeiçoaram a compreensão da experiência museal. Nas primeiras décadas do século XX, a/o visitante era vista/o como um “recipiente vazio”, por assim dizer, no qual as informações seriam introduzidas. Ao longo do tempo, novos modos de atuação e interação entre as/os envolvidas/os na visita ao museu foram desenvolvidos e passou-se a valorizar as mensagens, os códigos e, mais tarde, o sujeito como aspecto ativo do processo.

Portanto, a proposta aqui é refletir sobre a consonância das ações educativas em relação a uma dentre outras das ações museológicas na experiência de visitar um museu/uma exposição, já que essas ações podem promover trocas de saberes e de experiências, despertar situações de aprendizagens e estimular a produção de conhecimento.

### 6.3. Educação, Museologia e o ensino da Arte

Há situações em que é possível considerar que um dos primeiros contatos que uma pessoa tem com a Arte se dá em grupos escolares visitando espaços museais, muitas vezes com a mediação de profissionais educadoras/es museais, por meio de visitas mediadas feitas por escolas às exposições. Propiciar esses momentos de visitas às exposições permite contribuir para a apreciação e a fruição de uma produção artística, o que pode despertar a reflexão coletiva e o debate. Conhecer, valorizar, apreciar, usufruir, se apropriar de espaços reservados à Arte pode contribuir para o reconhecimento de sua importância na construção e preservação de bens artísticos e culturais nacionais e internacionais enquanto aspectos que colaboram para o desenvolvimento de um pensamento de investigação do objeto artístico contextualizado, reflexivo sobre a realidade a partir da análise crítica e da pesquisa.

Tendo em vista a diversidade das linguagens artísticas que refletem os saberes acadêmicos e culturais, nacional e internacionalmente, a importância da Arte está na forma do ser humano expressar suas emoções e pensamentos, sua história, sua cultura e seu lugar no mundo. Conhecer e experimentar a Arte pode permitir que estudantes acessem modos sensíveis e cognitivos específicos e ampliem a compreensão de sua cultura e seu lugar no mundo.

O universo artístico há muito tempo desperta em mim um grande interesse enquanto pesquisadora, principalmente quando relacionado à área da Educação no contexto das práticas de ensino e no uso de recurso pedagógico em sala de aula. Ter acesso à Arte como fenômeno humano permite que os públicos conheçam a história construída pela humanidade, identifiquem o patrimônio cultural como parte integrante da comunicação de forma criativa, sensível e crítica, e fortaleçam laços de identidade.

O ensino da Arte pode contribuir na formação crítica da sociedade por meio da análise dos estilos/movimentos artísticos e culturais, bem como pode possibilitar identificá-los dentro do contexto histórico vigente a fim de percebê-la como linguagem expressiva estética e comunicacional. Enquanto componente curricular, a Arte permite promover diálogo entre diferentes linguagens, na ótica da concepção pedagógica que propicia a formação integral do indivíduo, possibilita desenvolver competências e habilidades de leitura de mundo e de sua realidade, de forma reflexiva e crítica. Pesquisar o ensino da Arte é buscar compreender o espaço que a Arte efetivamente ocupa



na vida social, política e cultural de um país. Este reconhecimento do ensino da Arte como instância produtiva na sociedade contribui para a compreensão da dinâmica cultural do país.

Entendo que a importância do ensino da Arte tem como ponto de partida a conquista de um processo de formação mais amplo e duradouro, principalmente quando se refere à educação estética, e está relacionado a uma formação humanística da/o cidadã/ão. No âmbito do processo educacional, considera-se importante a decisiva capacidade do ensino da Arte de participar na construção do imaginário social, o que envolve o conhecimento artístico, as suas funções sociais e o seu papel na formação do indivíduo.

Para que as diversas áreas de conhecimento e o desenvolvimento integral da/o estudante estejam em diálogo, torna-se relevante a articulação entre a teoria e a prática no ensino da Arte. Essa articulação pode ser desenvolvida a partir da interseção entre o fazer, o apreciar e o contextualizar, ações propostas pela Abordagem Triangular da arte-educadora e professora brasileira Ana Mae Barbosa (1991), que organiza o trabalho em Arte pautando-o na reflexão do objeto sociocultural e histórico para a aprendizagem significativa e destaca que esses três processos não ocorrem de forma linear ou separadamente. Apesar da Abordagem Triangular, também conhecida como Metodologia Triangular, ter surgido a partir da educação das Artes Visuais, ela também se relaciona ao ensino e aprendizagem de todas as linguagens artísticas.

A Abordagem Triangular deixa evidenciada a relação entre os sujeitos apreciador, produtor e a obra, que não precisam ser compreendidos numa visão hierarquizada, nem sequencial e se desenvolve a partir dos três eixos de aprendizagem significativa em Arte: o fazer artístico da/o estudante, a apreciação artística da/o estudante (dos próprios trabalhos, dos de colegas e das/os de artistas) e a reflexão sobre a Arte como objeto sociocultural e histórico.

Na Abordagem Triangular é fundamental reconhecer que o fazer acontece junto ou em diálogo com o fruir (ler) e o contextualizar a Arte, tanto criada por artistas de diferentes épocas e contextos socioculturais, como as práticas artísticas das/os próprias/os estudantes. O conhecimento em Arte ocorre na intersecção desses três pilares, pois permite ao indivíduo a abertura para novas experiências estéticas diversas e

para o desenvolvimento do pensamento crítico, novas potencialidades de percepção do próprio contexto sociocultural na interação com o mundo e as outras pessoas.

É também por meio do ensino da Arte que uma pessoa pode ter acesso à cultura universal e local, o que contribui para desenvolver um senso crítico diante da complexa realidade a qual estamos inseridos. Devido à minha formação em Artes Plásticas, nas minhas aulas de Arte com estudantes da Educação Básica, tenho a tendência de enfatizar o ensino das Artes Visuais, sem deixar de mencionar as outras linguagens artísticas. Quando tenho a oportunidade de levar para a sala de aula o material didático de exposição produzido por programa educativo de instituição museal é um momento de aproveitar a realidade cultural local para complementar e tornar mais rica a interação e a experiência da/o estudante com um conteúdo de Arte.

As Artes Visuais referem-se às manifestações artísticas que possuem visualidade como elemento expressivo principal, embora nem sempre exclusivo, em especial se considerado o hibridismo entre as linguagens na arte contemporânea. Além disso, lidam com imagens e objetos, sejam criados originalmente como formas de arte, sejam apropriados de outros meios e transformados em Arte pela ação das/os artistas. Essa linguagem artística é trabalhada a partir da concepção de que suas possibilidades de expressão, com seus elementos, técnicas e materialidades específicas, são mais bem compreendidas e exploradas de forma integrada, permeada pela fruição e pelo fazer contextualizados, em consonância com a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa.

Sendo assim, considero como um excelente recurso pedagógico nas aulas de Arte, o material didático produzido pelos programas educativos de instituições museais, a partir das suas exposições, pois esse gênero nos leva a experienciar práticas de leitura imagética, textual e de mundo, além de propiciar que a/o estudante leve em consideração o seu horizonte de experiências e o desenvolvimento de diferentes códigos da linguagem, mesmo não tendo a oportunidade de visitar um museu ou uma exposição.

Para dar conta das novas demandas da sociedade, às/aos professoras/es é sugerido, por assim dizer, “levar o mundo” para a escola e participar na construção crítica de uma/um estudante, capaz de fazer leituras competentes nos diferentes

meios semióticos, em diversas mídias e gêneros e em situações socioculturais diversas, que representa a proposta dos multiletramentos A linguista e pesquisadora brasileira Roxane Helena Rodrigues Rojo (2012) considera que as práticas de letramento e de leitura escolar, em todas as disciplinas da Educação Básica, deveriam ser diversificadas e alargadas, de maneira a preparar nossas/os estudantes para uma leitura cidadã, inclusive na escola.

Mas ser letrado e ler na vida e na cidadania é muito mais que isso: é escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social; é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos; é, enfim, trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação com ela. Mais que isso, as práticas de leitura na vida são muito variadas e dependentes de contexto, cada um deles exigindo certas capacidades leitoras e não outras. (ROJO, 2012, p. 2).

A proposta deste TCC é compreender como o material didático produzido pelos programas educativos de instituições museais a partir das exposições institucionais pode ser pensado como ferramenta da proposta da pedagogia de multiletramento nas aulas de Arte, possibilitando tanto o letramento artístico-cultural, quanto o letramento museológico. Para tornar um conteúdo curricular em Arte mais interessante, prazeroso e dinâmico o uso desse material pode permitir que novos horizontes se abram para um mundo novo, repleto de curiosas descobertas, capaz de construir saberes, saber mais, tecer novos conhecimentos para praticar, ampliar e fazer muito mais pela história da vida de uma pessoa e de seu país.

Mesmo reconhecendo a importância da mediação nas visitas escolares aos espaços museais e o papel significativo do programa educativo em exposições, o foco desta pesquisa é analisar como o uso de material didático pode ser um recurso interessante sob o ponto de vista pedagógico, em especial nas aulas de Arte, para ampliar ou relacionar o assunto estudado com outras áreas do conhecimento e contribuir para expandir o repertório cultural. No processo de ensino-aprendizagem, as/os professoras/es podem utilizar de diferentes mídias, tecnologias e abordagens de uso, para que o conteúdo ensinado adquira mais dinamicidade, interatividade e engajamento nas aulas, ajudando, assim, a trazer as/os estudantes para o protagonismo em um nível participativo maior que facilite sua aprendizagem.

Com base na apresentação dos temas gerais, propus a reflexão sobre a Educação, enquanto o desenvolvimento de habilidades e competências por meio de processos de ensino-aprendizagem que possibilita transformações sociais; a Museologia, a partir de um olhar específico do museu como espaço educativo na contribuição da ação educativa e como um meio que qualifica a relação do indivíduo com o patrimônio cultural preservado; e o ensino da Arte, como saber cultural e estético gerador de significações e integrador da organização do mundo e da própria identidade em que os museus e as escolas podem atuar como rede de interação.

Portanto, a análise desses três campos de conhecimento, Educação, Museologia e o ensino da Arte, e a relação com o uso desse material didático específico, na construção de experiência significativa para as/os estudantes, enquanto ação educativa de museu, está relacionada à identificação dessas áreas como lugares sociopolíticos de ensino-aprendizagem de conhecimento acumulado pela humanidade – informações, indicações, regras, modelos –, mas também, e fundamentalmente, de formação do sujeito social, de construção da ética e da cidadania socioreferenciada, de circulação das ideologias.

## 7. ANÁLISE DOCUMENTAL

Neste capítulo será apresentado um possível debate da importância política e educativa do uso de material didático gráfico produzido pelo programa educativo dos museus para algumas exposições enquanto potência pedagógica na transformação social, concatenado com os princípios fundamentais dos museus. Como os princípios englobam as funções sociais, a proposta aqui é analisar a importância da Educação Museal em diálogo com a Educação Escolar no sentido do uso social da memória. Ou seja, a ideia é refletir sobre essa potência na perspectiva social e política, pois entende-se que a Museologia é processo cujo um dos produtos pode ser a transformação social.

Num primeiro momento, considera-se relevante o debate da importância política no sentido de refletir e analisar sobre o que é proposto em leis nacionais e de que maneira elas podem vir a ser implementadas nessa proposta de diálogo entre Educação Museal e Educação Escolar. O ponto de partida desses questionamentos perpassa a ideia de que, se existe uma legislação que trata das responsabilidades dos museus e processos museais junto à sociedade, é relevante entender como essa questão cultural, que envolve a Educação, a Museologia e o ensino da Arte podem ser identificados na sociedade.

Nesse sentido, a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus e dá outras providências, apresenta no art. 2º os princípios fundamentais dos museus, em especial os incisos III e IV, que tratam do cumprimento da função social e da valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental, respectivamente, o que demonstra a preocupação e responsabilidade com questões sociais, históricas, artísticas, culturais e de memórias. Nesta pesquisa de TCC, a abordagem está relacionada à ideia de identificar uma possível proposta de diálogo entre Educação Museal e Educação Escolar a partir do uso de material didático gráfico produzido pelo programa educativo dos museus nas aulas de Arte enquanto produto que pode promover a transformação social.

No tocante às questões que envolvem a ação educativa, ainda na mesma Lei citada anteriormente, o art. 29 prevê que

os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio.

Além disso, o art. 33 da mesma Lei considera que “os museus poderão autorizar ou produzir publicações sobre temas vinculados a seus bens culturais e peças publicitárias sobre seu acervo e suas atividades”, garantindo assim o propósito educativo do material didático que pode vir a ser produzido pelo programa educativo de museu.

Pode-se dizer que, uma vez que existe uma orientação quanto à produção de publicação do acervo do museu, então, é possível considerar que existe um incentivo quanto à produção de material didático gráfico como recurso pedagógico, pois tem a possibilidade de acesso à reelaboração e expansão do pensamento em uma exposição, como se fosse uma espécie de memória, pois a memória é dinâmica e é processual porque é viva. Além disso, o uso do material didático gráfico pode cumprir uma função social que é a de permitir o acesso da sociedade às informações, às manifestações culturais e ao patrimônio cultural, o que contribui para a transformação social. Como proposta de efetivar essa função social do museu é sugerido que o programa educativo de uma instituição museal esteja em consonância com a Política Nacional de Educação Museal (Pnem) com base em projetos que indicam produtos, como o material didático gráfico produzido para exposições de museus, como forma de preservar, difundir, valorizar e tornar acessível o patrimônio cultural e a memória do povo brasileiro.

O Decreto nº 8.124, de 17 de outubro de 2013<sup>8</sup>, que regulamenta o previsto no Estatuto dos Museus e institui a criação do Ibram, no art. 23, inciso IV, alínea “e” considera que os programas dos museus sejam ampliados para projetos e atividades educativo-culturais desenvolvidos pelo museu, destinados a diferentes públicos e articulados com diferentes instituições. Isso representa uma preocupação com a ampliação, a difusão e a disseminação de saberes, do conhecimento e de informações que podem contribuir para uma postura crítica e atuante diante da realidade de mundo, ao saber ler e interpretar essas informações que nos são postas diariamente.

---

<sup>8</sup> Regulamenta os dispositivos da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, e da Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus – Ibram.

O museu pode ser visto como uma das instituições que permite a participação na formação da consciência crítica nas/os sujeitas/os. Mesmo que seja uma transformação social lenta, esta transformação pode vir a ser uma contribuição para o princípio essencial como instituição à serviço da sociedade e que desempenha um papel social. Um dos espaços de difusão dos museus é o ambiente escolar que permite que as/os estudantes tenham acesso e reconhecimento do patrimônio cultural, o que constitui uma das relações entre escola e museu e exige ampla e consciente participação e pleno engajamento de todos os setores da sociedade.

De acordo com Santos (2001), o papel do programa educativo dentro dos museus não se restringe às ações educativas voltadas para as exposições, assim como o processo educativo não está relacionado só aos setores e às propostas pedagógicas do museu. Como o museu é um processo, a ação educativa é um dos programas previstos na elaboração do plano museológico de museu, pois os processos museológicos também podem ser aplicados fora dos museus, o que pode contribuir para o desenvolvimento de mudanças sociais. Uma possível análise de raio da potência do museu refere-se à ideia da união da comunidade como um movimento social, pois o museu pode ser um dos elementos do processo educativo porque é espaço que pode produzir conhecimento e pode promover o acesso às informações sociais, históricas e culturais enquanto fortalecimento de uma postura engajada e crítica.

Por isso a importância da articulação de uma rede educadoras/es de museus e das/os professoras/es parceiras/os nas práticas museológicas diferenciadas, pois essas redes se organizam a partir de temáticas de museus, podem promover o intercâmbio de informações e o compartilhamento de esforços com indivíduos que trabalham em museus ou com Educação, ou ainda outras pessoas que possuem afinidades com o tema da educação em museus e partilham um interesse comum e se esforçam para apontar soluções criativas.

Na relação de ações educativas e do público escolar, o programa educativo do museu pode ser um lugar relacional para trocas de experiências e narrativas, de interatividade e pode possibilitar que a Educação Museal apresente temáticas de inserção e inclusão de direitos humanos, como por exemplo quando uma/um estudante percebe que uma visita à uma exposição é uma das formas de ampliar o acesso às mais

diferentes informações. Mesmo que o museu não seja escola nem a escola seja museu, o museu é importante para o ambiente escolar, assim como a escola é importante para o espaço museal, pois pode proporcionar experiências significativas por meio do acesso à Arte, à cultura, à história, pode possibilitar a interação da/o visitante com objetos, documentos e obras, e pode trazer conhecimentos e informações que levam as/os estudantes a um despertar de senso crítico, valorizando a si mesmo e a sociedade na qual estão inseridos.

O museu pode ser compreendido como espaço de interação social, de produção de significados, de produção de reflexões sistemáticas sobre problemas sociais, culturais, ecológicos, entre outros, assim como pode ser relevante para a educação visual e a construção e formação de valores e princípios. O museu pode ser considerado como local de permanência, que amplia os gostos, valores e práticas, e onde a história e os acontecimentos históricos podem servir para legitimar o presente.

Para Santos (2001), as ações educativas têm relação com o acervo e as exposições são formas de construção social que promovem atividades fixas, o que possibilita a sobrevivência dos processos educativos em museus.

O museu, para atingir sua função pedagógica, deverá ter uma capacidade de produção própria, com questionamento crítico e criativo, sem, contudo, deixar de interagir com outras áreas do conhecimento. A pesquisa, como princípio científico e educativo, é o caminho para que o museu possa contribuir, efetivamente, para o desenvolvimento socio-cultural (SANTOS, 2001, p. 11).

Proporcionar um conjunto de práticas para que as/os estudantes se apropriem de conteúdos sociais e culturais de maneira crítica e construtiva a partir do uso de material didático produzido por programa educativo é dar significado à Educação enquanto processo e à Educação Museal enquanto processo e uma das formas de instrumento de transformação social.

As visitas mediadas em museus para público escolar realizadas por mediadora/or permitem aproximar a/o estudante da abordagem de uma exposição, a partir do acesso à Arte, à história e à cultura, pois exposições podem apresentar relações entre obras, artistas e visitante, além do olhar singular de curadores, e podem contribuir na relação interdisciplinar com diversas áreas de conhecimento. Nessa perspectiva de fruição e contemplação, são desenvolvidos discursos sociais próprios das/os estudantes que contribuem para o fortalecimento de senso crítico e do protagonismo



do público escolar, quando a/o medidora/or propõe provocações, inquietações, questionamentos na construção de discursos e narrativas, de reflexões, de problemáticas e de posicionamentos, como por exemplo quanto às noções de cidadania, de democracia e de inclusão para além da acessibilidade de pessoas com deficiência.

Atualmente, com a transição de governo, o momento político neste país é de retomada de valores democráticos, de esperança e de transformação na área da educação e da cultura, em especial. Por quatro anos (2018 a 2022), o Ministério da Cultura esteve extinto, e nesse momento de escrita desse TCC, tal Ministério está sendo reativado, o que conforta saber que preocupações com políticas públicas nas áreas da Educação e cultura estão em evidência. Especialmente, para o interesse dessa pesquisa, temos a perspectiva de retomada da Política Nacional de Museus (PNM) e da Pnem, políticas públicas nacionais que não deveriam estar associadas apenas a um governo, pois devem ser agenda do Estado em diferentes esferas já que se referem às demandas sociais na relação com os espaços públicos. É esse conjunto de conceitos e diretrizes relativos às instâncias e mecanismos de natureza política que podem promover o diálogo, a aprendizagem e o compartilhamento de decisões entre o governo federal e a sociedade civil.

Em 2017, foi definida a Política Nacional de Educação Museal (Pnem)<sup>9</sup>, no campo da Educação que traz em seu texto final os cinco princípios e as 19 diretrizes para Educação Museal no Brasil, sendo estas últimas divididas em três eixos: I - Gestão, II - Profissionais, pesquisa e formação e III - Museus e comunidade, na tentativa de organização da área museal e de continuidade em suas políticas públicas. Como os processos museais podem também, eles mesmos, se constituírem em diferentes espaços, há uma busca por uma construção e consolidação da Educação Museal como campo científico, profissional e político.

Mesmo que a Pnem apresente em seus objetivos a ideia de direcionar a realização das práticas educacionais em instituições museológicas, subsidiando a atuação das/os educadoras/es, é possível considerar que essas práticas podem ser estendidas ao ambiente escolar, como por exemplo, no desenvolvimento de práticas que colaboram com o aprendizado e com o currículo escolar, pois a função social desses

---

<sup>9</sup> Portaria nº 422, de 30 de novembro de 2017, publicada pelo Ibram, que dispõe sobre a Pnem e dá outras providências.

espaços pode se consolidar por meio da Educação, até porque, na própria Pnem as escolas são chamadas de principais parceiras<sup>10</sup>.

Para Santos (2001), a noção de Educação Museal está atrelada à importância do pensamento do educador brasileiro Paulo Freire, em que o âmbito educativo se relaciona a partir do que as pessoas já sabem (bagagem cultural) com o objeto gerador (aprender a ler, conhecer e interpretar o mundo a partir de objetos). Como o museu pode ser considerado um espaço de diálogo, o fenômeno social pode ser entendido como o objeto do museu. No pensamento do educador brasileiro Paulo Freire, a ideia da educação está relacionada à prática de liberdade e da conscientização, além da visão de que o museu pode ser também uma ferramenta de construção de identidade e de cidadania.

Patrono da educação brasileira, Paulo Freire também desempenhou papel de destaque no movimento de renovação da Museologia. Suas teorias sobre educação como prática libertadora e de conscientização repercutiram no campo museal, contribuindo para a visão de que o museu pode ser uma ferramenta de construção de identidade, cidadania e de transformação social. (Caderno da Política Nacional de Educação Museal – Pnem, 2018, p. 17)

Sendo assim, defendo que quando o programa educativo de um museu elabora, como uma das ações educativas, material didático gráfico, é possível identificar diversas propostas de atividades, como por exemplo, com perguntas e respostas, informações como “você sabia” ou “para saber mais”, jogos de adivinhação, jogos de memória, caça-palavras, liga-pontos, produção de desenhos e colagens, além de outras formas de abordagens de temas de exposições que podem trazer à tona questionamentos, posturas e posicionamentos que ativam instrumentos na construção de identidade, cidadania e de transformação social. Nesse contexto, quando a/o professora/or valoriza o material didático de uma exposição também pode identificar estratégias e propostas de exemplo de recurso pedagógico para uso nas aulas de Arte com a intenção de promover uma experiência prazerosa, mas também de aprendizado, em especial para os públicos escolares.

O material didático produzido pelo setor educativo do museu pode ser um tipo de material que pode ter por finalidade pedagógica, situações de aprendizagens

---

<sup>10</sup> Para saber mais: [https://pnem.museus.gov.br/wp-content/uploads/2022/12/PEM\\_boletim-1\\_final.pdf](https://pnem.museus.gov.br/wp-content/uploads/2022/12/PEM_boletim-1_final.pdf).

como: divulgar, ensinar conteúdos, entreter e promover acesso ao conhecimento pelos visitantes, pois apresenta conteúdos relacionados às exposições ou ao acervo e podem sensibilizar para uma nova visita a um espaço museal. Além disso, o material didático pode apresentar uma seleção de conteúdos, de adequação de linguagem, de proposição de formas e estratégias para que se tornem visualmente atrativos, mas também acessíveis e instigantes na articulação de saberes de diferentes áreas de conhecimento.

Na análise de Marandino *et al* (2016), o material didático gráfico para o público escolar, como por exemplo os cadernos de atividades, pode ser de grande utilidade para as escolas, pois tem o enorme potencial no processo educativo desenvolvido pelos museus e pode promover discussão de conceitos de diferentes áreas de conhecimento, além de estimular a curiosidade e mobilizar diferentes lembranças da/o estudante quando esses objetos são contemplados.

O foco desta pesquisa é analisar a relevância do material didático produzido pelo setor educativo do museu com base em publicação impressa que traz conteúdos e propõe reflexões sobre um determinado tema. Nesse sentido, quando publicado por instituições museais, esse material comumente é desenvolvido a partir de uma exposição em cartaz. Elaborar um material didático envolve pensar em diversos aspectos: seu conteúdo; a que públicos se destina; seu conceito; sua identidade visual; seu formato; seu objetivo pedagógico, entre outros.

Ao articular as informações disponíveis de uma visita a uma exposição, é possível que a/o estudante aproxime e reorganize ideias que são propostas nas atividades. Voltados às/aos professoras/es, mas com possibilidades diversas de uso, os materiais didáticos gráficos têm por hábito apresentar uma abordagem teórica do tema e algumas propostas de aplicação prática. A/O professora/or pode (re)pensar as formas de utilizar o material de acordo com seu plano de aula e o ciclo escolar das/os estudantes, o que pode contribuir para a noção de compromisso social e de responsabilidade social, mas com influência para estimular a consciência política e crítica.

Os materiais didáticos gráficos podem ser muito utilizados como apoio para as exposições. Possibilitar o acesso a elementos para que as/os estudantes aprofundem os temas abordados pelo setor educativo na exposição do museu, considerando suas

experiências e seus questionamentos, auxiliam no desenvolvimento das competências específicas para a faixa etária trabalhada, pois entende-se que são instrumentos mediadores e que potencializam o contato de suas/seus leitoras/es com os mais diversos assuntos.

O uso do material didático museal possibilita trabalhar nas aulas de Arte com abordagem de temas transversais na perspectiva de inclusão, como por exemplo, aspectos que envolvem noção de diversidade, de cidadania, dos direitos humanos e da sustentabilidade. Identificar aplicações e implicações políticas, socioambientais e culturais da sociedade no cotidiano é uma forma de propor alternativas aos desafios do mundo contemporâneo, pois pode promover a ampliação do processo de aprendizagem.

Por isso, considero importante valorizar o uso do material didático como recurso pedagógico nas aulas de Arte em que temas significativos como: questão feminista, questão ambiental, questão racial, questão de classe buscam aproximar a realidade de uma/um estudante por meio de atividades que podem ser desenvolvidas ao longo do próprio tempo de visita a uma exposição ou na pós-visita, em sala de aula, pois podem servir como uma referência cultural capaz de produzir discursos e operar relações de saber/poder que constituem subjetividades atravessadas por diversas questões.

Com o intuito de refletir sobre Arte, Educação e Museologia, três grandes áreas do conhecimento que estruturam uma linha de pensamento com relação à esta pesquisa, entendo que o uso de material didático produzido por programa educativo como recurso pedagógico das visitas mediadas em museus gera material bibliográfico que pode ser aproveitado nas aulas de Arte, mesmo que a/o estudante não tenha comparecido a tal espaço museal. A proposta é problematizar, expandir e maximizar a possibilidade de aproveitamento, além de articular o uso desse material com o conteúdo curricular escolar.

Para isso, foram consultados materiais didáticos próprios, que considero interessantes, que estão preservados, armazenados e conservados por mim em um baú com a intenção de criar um banco de referência que permita inspirar novas práticas e promover a reflexão de possíveis abordagens de conteúdos curriculares em Arte.

Apresento aqui uma seleção de 05 exemplos de material didático gráfico pessoal, produzido pelo setor do programa educativo do CCBB/DF nos anos de 2010, 2012, 2013 e 2018, com sugestões de atividades que estão presentes no material para serem trabalhadas em sala de aula, nas aulas de Arte, a partir de um conteúdo curricular com estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais, mas que podem ser adaptados a outras faixas etárias. É importante ressaltar que os materiais didáticos selecionados não dizem respeito aos de exposições que tive a oportunidade de trabalhar como mediadora, pois me coloquei no lugar das/os professoras/es que fazem a visita mediada com o público escolar.

- **Material do programa educativo da exposição “Vertigem”, de OSGEMEOS. 1º de março a 16 de maio de 2010, realizada no Centro Cultural Banco do Brasil. “Arte dentro ... arte fora: qual é o lugar da arte?”. Coordenação e concepção do material didático: aBorda – Gabinete de Arte. Carlos Silva e Marília Panitz.**

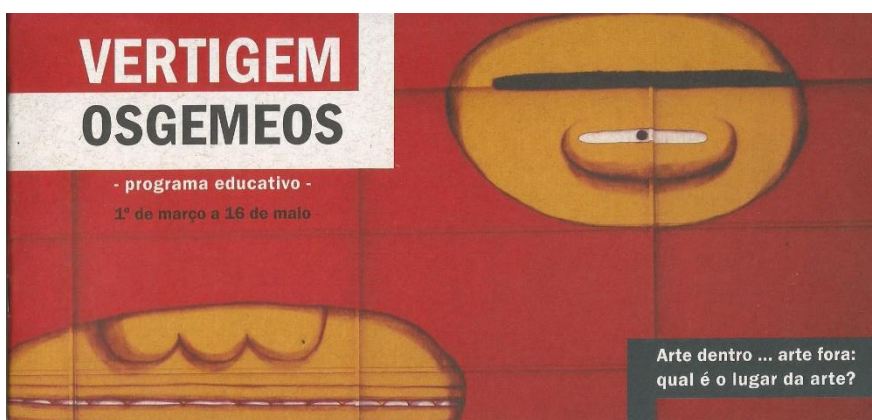


Fig. 1  
Frente



Fig. 2  
Verso

O material dialoga com a/o leitora/or, usa linguagem acessível, é explicativo, é instigante, tem tamanho e formato de impressão de foto panorâmica, leitura em posição horizontal e apresenta imagens da exposição. Tem também o folder da exposição em tamanho A5, tipo encarte, com leitura em posição vertical.

Os textos escritos explicam: o que é vertigem, questiona qual a relação do título com a propostas dos artistas, como os objetos estão dispostos na galeria (a sugestão é pesquisar vídeos na plataforma YouTube e apresentar a biografia, a trajetória profissional, a relação do grafite com o *hip-hop*, com o *break*, com a dança de rua, e imagens da época da exposição, identificar as características dos personagens retratados pelos artistas), reflete sobre a pesquisa artística dos artistas que não estão limitadas a técnica do grafite, mas em objetos, linguagens e técnicas diferentes, informa o que é a linguagem artística instalação e relaciona com um objeto da exposição, discute os elementos que compõem a exposição, reflete sobre a relação pictórica nas obras dos artistas com relação aos fundamentos da linguagem visual (cores, tonalidades, formas, volumes, objetos tridimensionais) e às técnicas de pintura (tinta aplicada em pincel, rolo, tinta aplicada com spray), informa o que é intervenção urbana, questiona o que faz um grafite estar dentro de uma galeria, propõe como atividade identificar com quantas coisas se faz uma exposição, relaciona com a técnica de bricolagem e apresenta a biografia OSGEMEOS.

- **Material do programa educativo da exposição “Jean-Michel Basquiat – obras da Coleção Mugarbi”. 21 de abril a 1º de julho de 2018, realizada no Centro Cultural Banco do Brasil. Concepção e produção: JA.CA – Centro de Arte e Tecnologia.**

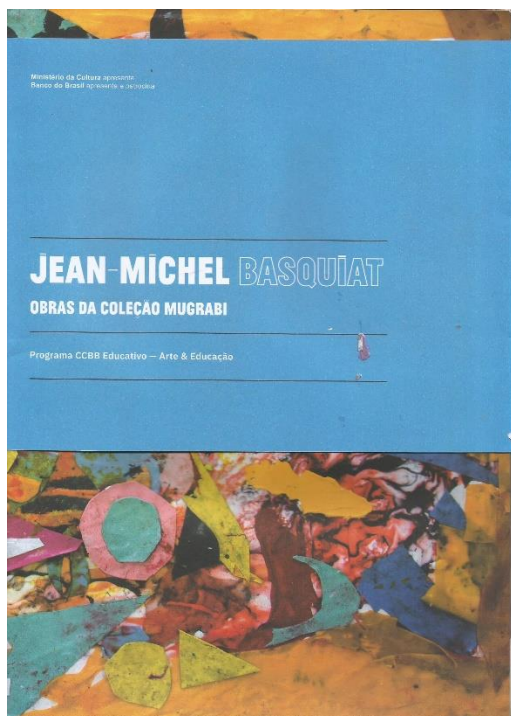


Fig. 3 Frente



Fig. 4 Verso

Esse material dialoga com a/o leitora/or, usa linguagem acessível, é explicativo, tem tamanho A4 com leitura em posição vertical e apresenta imagens da exposição. Tem também o folder da exposição em tamanho A5, tipo encarte, com leitura em posição vertical.

Os textos escritos explicam: de um lado, quem é Basquiat (biografia e trajetória artística, apresenta imagens para a/o estudante se familiarizar e se identificar), os elementos que formam a complexidade da arte de Jean-Michel Basquiat, a relação entre os diferentes materiais usados como suporte e a linguagem e os símbolos de rua, a referência do artista como artista afro-americano e os temas apresentados na sua produção artística, como: questões de racismo, política e hipocrisia social a partir de imagens icônicas; do outro lado, quem é Desali, os elementos que o artista utiliza

para questionar as instituições de artes tradicionais a partir de um estilo urbano irreverente. Também é possível abordar as questões que envolvem a formação de uma coleção, pois as obras que estiveram na exposição são de colecionador particular.

Na contracapa de “Basquiat”, há o Convite à Ativação, material para reflexão em relação às obras e pensamentos que a exposição e os artistas articulam sobre questões sociais, políticas e raciais e sobre suas vivências como artistas negros num cenário predominantemente branco, a vida na periferia e a tentativa de aproximá-las às artes. Propõe como atividade a criação de personagens construídos por elementos variados por meio de recorte e colagem dos elementos desenhados por Desali. Há imagens de narizes, olhos, bocas e sobrancelhas para serem recortados e colados livres de representação de padrões em folha de cor preta com escritos em branco e com contorno de um rosto, em ambos os lados e que pertence a esse material didático.

Na contracapa de “Desali”, há dois convites para refletir e conversar. Convite 1 – Diversidade da rua. Perceber os trajetos que fazemos no dia a dia para estarmos mais presentes no momento e atentos à diversidade de sentidos e impressões e discutir em grupo. Convite 2 – Criação e liberdade. Tem como referência a atividade do Convite à Ativação e propõe discutir sobre modelos comuns e padrões repetitivos e exercitar a potência criativa para promover a diferença.



- **Material do programa educativo da exposição “Anita Malfatti: 120 anos”. 23 de fevereiro a 25 de abril de 2010, realizada no Centro Cultural Banco do Brasil. “E Anita faz a sua arte...”. Coordenação e concepção do material didático: aBorda – Gabinete de Arte. Carlos Silva e Marília Panitz.**

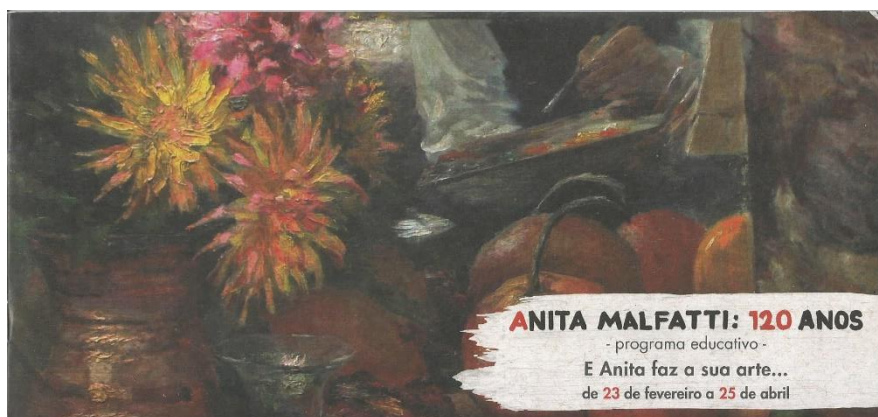


Fig. 5  
Frente



Fig. 6  
Verso

Esse material dialoga com a/o leitora/or, usa linguagem acessível, é explicativo, tem tamanho e formato de impressão de foto panorâmica, leitura em posição horizontal e apresenta imagens da exposição. Tem também o folder da exposição em tamanho A5, tipo encarte, com leitura em posição vertical.

Os textos escritos explicam: uma breve biografia e a trajetória artística de Anita Malfatti, nos convida a observar três imagens de obras da artista e relacionar com a mudança de pensamento sobre a sua pintura tendo como exemplo os detalhes dos três recortes de olhos das obras apresentadas, contextualiza o ano de 1917 e a primeira grande exposição individual e as críticas sobre sua forma de pintar, comenta sobre o Grupo dos 5 e a Semana de 22, nos convida a observar as pinturas realizadas a partir dos estudos em desenho e a experimentar estes caminhos dos quadros de

Anita Malfatti, apresenta imagens de obras de Anita Malfatti que tratam de formas de pintar que aproximassem as pessoas de seus quadros, propõe uma atividade de escrever palavras sugeridas num quadro de acordo com as características de cada uma das três pinturas com tema vaso com flores, questiona como um quadro pode “viver” dentro de outro quadro e reflete sobre a afirmação da artista “Tomei a liberdade de pintar a meu modo”.

- **Material do programa educativo da exposição “Abraham Palatnik: a reinvenção da pintura”. 23 de abril a 14 de julho de 2013, realizada no Centro Cultural Banco do Brasil. “O inventor e o movimento”. Coordenação e concepção do material didático: Palavra Chave Arte e Cultura LTDA. Carlos Silva e Marília Panitz.**

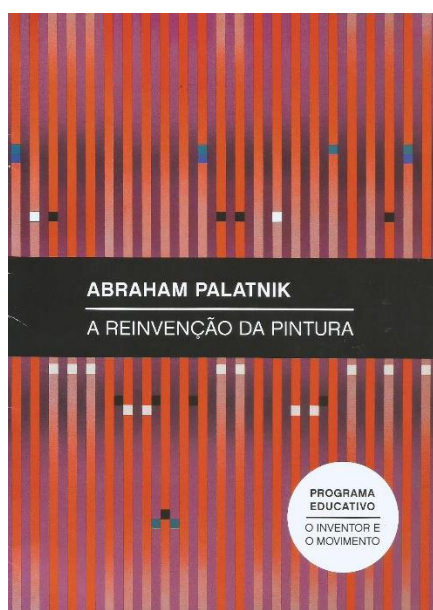


Fig. 7 Frente



Fig. 8 Verso

Esse material dialoga com a/o leitora/or, usa linguagem acessível, é explicativo, tem tamanho A5, leitura em posição vertical e apresenta imagens da exposição. Tem também o folder da exposição em tamanho A5, tipo encarte, com leitura em posição vertical.

Os textos escritos explicam: apresentação de estudos para Aparelhos Cinecromáticos e Objetos Científicos (arquivos do artista) a partir da fala do artista e seu processo de criação, reflete sobre o alargamento do conceito de pintura, define o que é abstração na arte e cinetismo (arte cinética) e como o artista explora formas diversas desse movimento em suas obras, apresenta a ideia de Objeto Cinético, reflete sobre a forma de um caleidoscópio a partir da ideia do objeto lúdico (estético) ao objeto funcional, apresenta o projeto e sua execução no caso dos Aparelhos Cinecromáticos e dos Objetos Científicos com base em perguntas, propõe como atividade experimentar fazer o desenho de um projeto de um objeto cinético em folha quadriculada, apresenta a biografia e a trajetória artística de Abraham Palatnik.

- **Material do programa educativo da exposição “Índia”. 22 de maio a 29 de julho de 2012, realizada no Centro Cultural Banco do Brasil. “Índia: um passeio pela Índia”. Coordenação e concepção do material didático: Palavra Chave Arte e Cultura LTDA. Carlos Silva e Marília Panitz.**

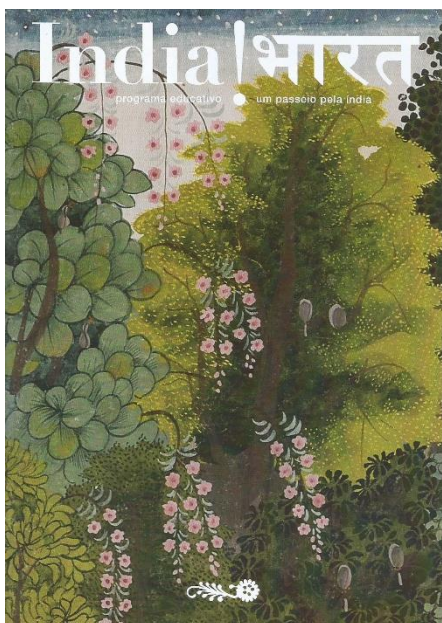


Fig. 9 Frente



Fig. 10 Verso

Esse material dialoga com a/o leitora/or, usa linguagem acessível, é explicativo, tem tamanho A5, leitura em posição vertical e apresenta imagens da exposição. Tem também o folder da exposição em tamanho A4, tipo encarte, com leitura em posição vertical.

Os textos escritos explicam: por meio de uma escrita como conversa com a/o leitora/or e os usos de “você conhece?” e “você sabia?”, identifica a Índia como um país onde se cultua uma grande quantidade de deuses e tem a tradição religiosa na base da cultura indiana, reflete sobre o que os deuses têm a ver com a arte, sobre as narrativas poéticas representadas em forma de ilustração, apresenta narrativas contemporâneas de artistas indianos que abordam a posição da mulher indiana na sociedade e sua luta para conquistar maior espaço de ação, reflete sobre a relação entre a história, a religião e a mitologia, apresenta o significado e a importância do tecido indiano conhecido como *sari*, assim como a mancha vermelha pintada entre os olhos das mulheres chamado de terceiro olho ou olho da sabedoria, faz referência a cultura popular da Índia, como: o teatro e a tradição das marionetes, a música e os misteriosos encantadores de serpentes, apresenta o mapa das regiões da Índia e um pouco da história, relaciona e diferencia a realidade brasileira a partir de fotografias de artistas indianos contemporâneos, analisa a questão das novas tecnologias e as antigas heranças, comenta sobre os sistemas de castas.

Nos exemplos citados anteriormente, o debate não se propôs a apresentar proposta de plano de aula, mas sim analisar possibilidades de aplicação prática sobre o uso de material didático gráfico, no sentido contextualizar uma breve descrição dos conteúdos das exposições, de possíveis abordagens temáticas, além de propostas de atividades que podem ser executadas nas aulas de Arte, tanto por meio de temáticas interdisciplinares como dos conteúdos específicos de outros componentes curriculares, mesmo que as experiências requisitadas sejam de estudantes que não tiveram a oportunidade de visitar a exposição. Por meio da apresentação desses 05 exemplos de material didático gráfico é possível compreender a abordagem teórica de um tema, assim como é possível vivenciar um evento de aprendizagem com estratégias que questionam a relação da percepção estética, histórica e política de obras e artistas para a construção de consciências e posicionamentos a partir de diferentes manifestações culturais.

Quando o setor educativo de um museu se preocupa com a elaboração de material didático gráfico que pode ser entregue durante visita escolar, é possível considerar que essa é uma das estratégias para a aproximação da/o visitante não só das

obras, mas também das narrativas (re)criadas pelas exposições e pelas próprias instituições museais. Museus e visitas às exposições podem ser considerados como lugares de processos de aprendizagem fora das escolas. Problematizar a expansão das práticas educativas para além do espaço físico do museu, demonstra a importância que esse tipo de material pode ter no planejamento das aulas do ensino da Arte.

Por meio da utilização de material didático gráfico a experiência pode ser prolongada e ainda discutida dentro das salas de aula e deve ser valorizado como um tipo de recurso pedagógico, no desejo de ampliar, difundir, alargar o espaço da escola, extrapolando as fronteiras físicas. O museu pode permitir à/ao estudante ampliar o seu conhecimento de mundo, enriquecer sua formação cultural e investir na sua capacidade de expressão, além de contribuir para uma melhor interação com o meio social em que vive.

## 8. APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS

Nesta pesquisa de TCC, buscou-se analisar uma aproximação entre Educação, Arte e Museologia, em especial quanto ao uso de material didático gráfico produzido pelo programa educativo de museu como recurso pedagógico nas aulas de Arte, ao relacionar um conteúdo curricular com um tema de exposição. Quando o público escolar tem a possibilidade de visitar uma exposição com mediação e receber material didático gráfico, é importante compreender de que maneira as/os mediadoras/es apresentam as atividades propostas. Mesmo que a/o estudante não tenha tido essa oportunidade de visitar a exposição, é possível considerar que as propostas de atividades não necessariamente estão estritamente vinculadas à exposição em si, mas à maneira como o tema é abordado e como esse material pode contribuir para a ampliação da leitura de mundo em relação ao conteúdo curricular previsto.

A partir de análise documental e revisão bibliográfica, procurou-se demonstrar a importância do acesso a esse tipo de material, que pode promover uma mudança de ponto de vista de um assunto. A forma como um tema de exposição é apresentada ao público permite desenvolver um aprofundamento e posicionamento crítico para o desvelar do conhecimento. Por isso, a sugestão foi a de apresentar de que forma o material didático produzido pelo programa educativo de museu pode ser um recurso pedagógico nas aulas de Arte na construção de aprendizagens em consonância com as questões sociais.

Para embasar essas ideias, a reflexão se deu a partir da ótica da Educação Museal, no sentido da Museologia estar presente nas aulas de Arte por meio de ações e práticas educativas de museu no contexto escolar. Para esta análise, os documentos de referência foram a Lei nº 11. 904/2009, a Política Nacional de Museus (PNM), o relatório da Mesa Redonda de Santiago do Chile, a Política Nacional de Educação Museal (Pnem) e o Decreto 8.124/2013.

Compreender de que maneira a Educação Museal, como uma das áreas de pesquisa e atuação do campo da Museologia pode ser promovida nas aulas de Arte é buscar dialogar com aspectos referentes ao caráter educativo dos museus em relação ao potencial educativo presente nas diferentes funções museológicas. Por isso, é preciso identificar um possível processo de ação e reflexão dos museus e das escolas

como rede de interação, no caso desta pesquisa em particular, quanto ao uso de material didático produzido pelo programa educativo de museu nas aulas de Arte. Acredito que, com base nas propostas de desenvolvimento de uma Educação Museal em consonância com as aulas de Arte, é possível ampliar horizontes e visões de mundo, participar na ressignificação da democratização de saberes, respeitando a construção do conhecimento e de noções de cidadania.

As discussões apresentadas nesta pesquisa tratam da Educação enquanto parte intrínseca da construção de tipos de sociedade e, por isso, pode ser considerada como um fator de contribuição para possíveis transformações sociais desenvolvidas a partir de diferentes tipos de situações de aprendizagem ao promover a construção e reconstrução do conhecimento.

Nesse sentido, considerou-se pertinente referenciar como uma política nacional em Educação Museal do país veio a se fortalecer, quais as contribuições identificadas nas ações educativas dos museus e como essas discussões aparecem nas pesquisas, mostrando a importância dessa reflexão para a construção de práticas sociais e do aprimoramento do pensamento crítico sobre um recorte de tema de exposição.

Sendo assim, acredito que por meio do ensino da Arte é possível acessar aspectos que colaboram para o desenvolvimento de um pensamento de investigação, na formação crítica da sociedade e na compreensão da dinâmica cultural do país, pois ajuda a compreender o patrimônio cultural como outro fator de contribuição no processo de reflexão e de mudança frente aos desafios da sociedade, em especial a partir de experiências e vivências com ações educativas de museus.

É possível considerar que, uma forma de experienciar práticas de leitura imagética, textual e de mundo proposta pela Abordagem Triangular da arte-educadora brasileira Ana Mae Barbosa, é a partir do uso de material didático gráfico de exposição produzido pelo programa educativo de instituição museal a fim de demonstrar a relevância desse material nas aulas de Arte como uma forma de preservar, difundir e valorizar o patrimônio cultural e a memória do povo brasileiro.

O intuito em apresentar uma seleção de 05 exemplos de material didático gráfico de exposições de acervo pessoal com sugestões de abordagens de temas de

exposições em consonância com o conteúdo curricular de Arte está relacionado à importância de compreender como pode ser a construção de consciência a partir da exposição de um ponto de vista sobre um tema, no sentido de demonstrar a contribuição das ações educativas dos museus como possibilidade de vivência museológica na sala de aula.

Compreendo que os exemplos aqui sugeridos servem para fortalecer a minha argumentação naquilo que eu entendo que é urgente e necessário para efetiva utilização inteligente e socioreferenciada desse material, pois a análise de práticas museológicas estendidas ao ambiente escolar pode proporcionar situações de aprendizagens com propostas de atividades que trazem à tona questionamentos e indagações a fim de tornar um tema trabalhado em sala de aula mais instigante.

Para maior aprofundamento dessas discussões numa pesquisa futura em nível de Mestrado, pretendo realizar entrevistas ou questionários com pessoas que participaram na produção e elaboração de material didático gráfico de exposição produzido pelo programa educativo de museu, pois considero que são narrativas que podem servir como fonte oral de pesquisa, fonte subsidiada por importantes profissionais que trabalham com esse tema e que apresentam propostas de articulação entre a teoria e a prática no ensino da Arte.

Para compreender a potência pedagógica sobre o uso de material didático gráfico de exposição produzido pelo programa educativo de museu, também seria pertinente realizar presencialmente estudo de caso e analisar na prática como uma escola pode usar o material didático gráfico em uma aula de Arte, tendo como base uma escola que visitou a exposição e levou o material didático para ser continuado na escola e outra escola que não visitou a exposição, mas teve acesso ao material didático produzido pelo setor educativo do museu a fim de pesquisar o que pode ser apreendido na construção do conhecimento e como esse recurso pedagógico pode promover a ampliação de vivências de mundo com foco na transformação social.

Nesse sentido, considero que conectar a Arte, a Educação e a Museologia por meio do uso material didático é de grande valia para alternativas de recursos didático-pedagógicos, pois o desafio de trabalhar com esse material didático museal em sala de aula pode vir a ser uma forma de ampliar a abordagem de um conteúdo curricular



ao mostrar para as/os estudantes que os conteúdos curriculares podem estar próximos a nós e serem mais interessantes, em especial quando são temas de exposições.

Acredito que uma das vantagens do material didático museal ser usado também nas escolas, em especial nas aulas de Arte, é que essa possibilidade de abordagem em sala de aula sobre as ações educativas desenvolvidas em museus pode vir a ser uma potencialidade quanto à uma oportunidade de vivência e de estímulo à aprendizagem, pois impulsiona o acesso à diferentes trilhas ou percursos de proposições pedagógicas, o que permite instigar a/o estudante ao desenvolvimento de uma atitude investigativa em relação ao seu próprio modo de expressão.

Por isso, a partir da minha experiência como professora de Arte e graduanda em Museologia, que se identifica como educadora museal, considero importante o papel que este tipo de material desempenha nos processos de ensino-aprendizagem, pois pode servir como ponto de partida para o acesso às informações, e ao mesmo tempo, pode contribuir para o desenvolvimento de uma liberdade de pensamento e de análise crítica.

Assim, compreendo que a responsabilidade dos museus pode estar relacionada à relevância do papel do setor educativo numa rede de interação com as escolas, pois é uma possível estratégia pedagógica, o que permite ampliar um mesmo conteúdo curricular que é trabalhado em sala de aula em uma perspectiva de inclusão, contribui para o desenvolvimento de um pensamento reflexivo sobre a realidade e estimula uma instância produtiva na sociedade na compreensão da dinâmica histórica, social e cultural do país.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. **O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte.** História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. 12 (suplemento), p. 31-53, 2005. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386137988003>. Acessado em 26/12/2022.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos.** 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BORTONE, Márcia Elizabeth. **Letramento e competências: construindo novos paradigmas na escola.** ENTRELETRAS, Araguaína/TO, v. 3, n. 2, p. 192-203, ago./dez. 2012 (ISSN 2179-3948 – online).

BRAGA, Jezulino Lucio Mendes. **Desafios e Perspectivas para Educação Museal.** MUSEOLOGIA & INTERDISCIPLINARIDADE Vol. 6, nº12, Jul./ Dez. de 2017 p.54-67. <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16332/14620>. Acessado em 26/12/2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 2009. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm#:~:text=necessidades%20dos%20visitantes.-,Art.,material%20e%20imaterial%20da%20Na%C3%A7%C3%A3o](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm#:~:text=necessidades%20dos%20visitantes.-,Art.,material%20e%20imaterial%20da%20Na%C3%A7%C3%A3o). Acesso em: 27 out. 2022.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 8.124, de 17 de outubro de 2013. Regulamenta dispositivos da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, e da Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus – Ibram. Diário Oficial da União, Brasília, 2013. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8124.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8124.htm). Acesso em: 27 out. 2022.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/SEMTEC, 1998.

CASTRO, Fernanda Santana Rabello de; SOARES, Ozias de Jesus; COSTA, Andrea (Orgs.). **Educação museal: conceitos, história e políticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020. <https://mauc.ufc.br/wp-content/uploads/2022/03/2020-educacao-museal-volume-3-paginas-1-87-1.pdf>. Acessado em 09/12/2022. Acessado em 26/12/2022.

COSTA, Andrea; CASTRO, Fernanda Santana Rabello de; CHIOVATTO, Milene; SOARES, Ozias. **Educação Museal**. In: Instituto Brasileiro de Museus. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Pressupostos Teóricos**. Ensino Fundamental Anos Iniciais – Anos Finais. 2ª ed. 2014.

DUARTE, Alice. **Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 6 no 1 – 2013. Acesso disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/143404132.pdf>. Acessado em 12/01/2023.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (Ibram). **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

FIGURELLI, Gabriela Ramos. **Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano**. Artigo publicado na Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio/MAST – vol. 4 nº 2 – 2011. Acesso disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/208/169>. Acessado em 23/08/2021.

LOPES, Maria Margaret. **A favor da desescolarização dos museus**. In: Educação & Sociedade. Nº 40, dezembro/1991. Acesso disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2016/04/A-favor-da-desescolariza%C3%A7%C3%A3o-dos-museus.pdf>. Acessado em 12/10/2022.

MARANDINO, Martha; et al. **A Educação em Museus e os Materiais Educativos**. São Paulo: GEENF/USP, 2016.

\_\_\_\_\_. **Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal?** Ciênc. educ. (Bauru) vol.23 no.4 Bauru Oct./Dec. 2017. Acesso disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_art-text&pid=S1516-73132017000400811](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text&pid=S1516-73132017000400811). Acessado em 04/08/2021.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social – métodos e técnicas**. 3ªed. São Paulo: Atlas, 1999.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. Revisão atualizada de parte do Fundamentos da tese de doutorado: *Olho Vivo: arte/educação na exposição labirinto da moda numa aventura infantil*, orientada por Ana Mae Barbosa, defendida na Escola de Comunicações e Artes da USP em 2000. In: BARBOSA, Ana Mae (organizadora). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2008. – (Estudos; 248 / dirigida por J. Guinsburg).

QUIVY, Raymond. e CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 2ªed. Lisboa: Gradiva, 2005.

ROJO, Roxane; ALEMIDA, Eduardo de Moura (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Museu e Educação: conceitos e métodos**. [www.icom.org.br/mem%C3%B3ria%20do%20pensamento%20museol%C3%B3gico4.pdf](http://www.icom.org.br/mem%C3%B3ria%20do%20pensamento%20museol%C3%B3gico4.pdf). Texto produzido para aula inaugural – 2001, do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, proferida na abertura do Simpósio Internacional “Museu e Educação: conceitos e métodos”, realizado no período de 20 a 25 de agosto. Acessado em 23/08/2021.